



Notícias

Órgão da Associação Brasileira de Psicanálise

Ano IX Nº28 Rio de Janeiro Novembro/2005

carta do editor

Adalberto A. Goulart

Esta é a última edição do ABP NOTÍCIAS sob a gestão do atual Conselho Diretor da ABP. Como todos sabem, haverá eleições em nosso XX Congresso Brasileiro de Psicanálise, daqui a alguns dias (Brasília, 11 a 14 de novembro) e uma nova Diretoria será eleita, assumindo imediatamente a seguir. Portanto esta é minha última Carta do Editor, a última edição sob a minha responsabilidade.

Foram apenas dois anos nesta função (pouco tempo, dois anos passam rapidamente), mas foi um período intenso de trabalho prazeroso, de encontros, de conquistas, de aprendizado especialmente e de alguma frustração e dor, como não poderia deixar de ser. Novas amizades se criaram, outras se fortaleceram. Foram dois anos de experiência e amadurecimento constante, em que o grupo diretor, cada componente com suas peculiaridades pessoais, pode contribuir com sua porção melhor (não tenho dúvidas). E se uma das melhores maneiras de se conhecer alguém é compartilhar da convivência em viagens, estas foram muitas, para diversas regiões do país. Aqui, gostaria de salientar a importância do apoio que a ABP oferece, particularmente às Sociedades menores, Grupos e Núcleos, com a participação de sua diretoria na realização de eventos científicos (paralelamente às reuniões de diretoria e assembleias), sem a qual estas instituições menores teriam grande dificuldade no árduo trabalho de desenvolvimento e difusão da psicanálise em suas regiões. Tenho a felicidade de conhecer tais experiências tanto de um lado quanto de outro. Pude também levar a minha contribuição para outras regiões e tive a honra de receber os colegas da ABP em minha casa, o Núcleo Psicanalítico de Aracaju (patrocinado pela SPR), assim testemunhando a importância desta iniciativa.

Em nossa gestão realizou-se o 44º. Congresso da IPA, pela primeira vez no Brasil, com a eleição do brasileiro Cláudio Laks Elzirik para sua presidência. Também o XX Congresso Brasileiro, pela primeira vez na sede do poder federal, Brasília, ocorre sob a nossa gestão. Avanços nas relações internacionais, especialmente com as Sociedades de países de língua portuguesa já começam a frutificar, com um primeiro encontro em maio, em Lisboa. Também progredimos nas negociações do delicado campo da regulação/regulamentação de nosso ofício.

Vivemos momentos de dor e luto, com perdas substancialmente importantes para a psicanálise brasileira e afetivamente inesquecíveis para nós, nossa saudade e gratidão aos colegas que se foram neste período: Carlos Edson Duarte, George Lederman, Robson Cabral de Mendonça e Maria de Santiago Dantas Quental (esta, nossa companheira na Superintendência da ABP).

Em relação ao ABP NOTÍCIAS, se não conseguimos alcançar todos os objetivos pretendidos, como, por exemplo, uma maior agilidade em sua distribuição, acredito que vários outros foram alcançados. Tornamos o jornal mais interessante de ser lido e manuseado, mais leve, mais agradável em sua configuração e leitura. Criamos a Rede de Representantes Locais, estimulando e ampliando a participação democrática de todas as federadas (Sociedades, Grupos e Núcleos filiados à ABP, bem como a participação de Candidatos), com a responsabilidade local de um membro nomeado pela própria federada para o envio de notícias, programação, artigos, resenhas e entrevistas. Conseguimos, ainda, que cada exemplar passasse a ser entregue de maneira personalizada, a cada membro, em seu próprio endereço. Ampliamos a distribuição do nosso periódico para outras instituições psicanalíticas não filiadas à ABP, para Universidades, bibliotecas, sindicatos, conselhos de medicina e psicologia, entre outros. Não tenho dúvidas de que o meu sucessor dará continuidade ao trabalho por nós desenvolvido e novos avanços virão.

Nesta edição, Regina Mota (SPB/ABP) nos fala, com a maior propriedade, sobre a realização do XX Congresso Brasileiro em Brasília. Telma Barros (SPR) entrevista Stephano Bolognini, da Sociedade Psicanalítica Italiana, representante para a Europa no Board da Associação Psicanalítica Internacional, do European Board of International Journal of Psychoanalysis e do Working Party on Theoretical Issues da Federação Europeia de Psicanálise (FEP). Cristina Gondim (SBPSP) nos conta um pouco de sua experiência pioneira em Salvador, Bahia. Antonio Sapienza (SBPSP) nos traz o importante estudo "Capacidades para Pensar Ansiedades Traumáticas na Experiência Psicanalítica". Marisilda Nascimento (SPR/NPA) resenha o "Tempo do Ser-Vil", relevante obra de Luiz Alberto Helsinger (SBPRJ). A Coluna do Presidente, Notícias e Programação das federadas e a Agenda de Eventos completam a edição.

Em nome da ABP, desejo sucesso ao novo Conselho Diretor que será eleito em Brasília!

Boa leitura e até lá!



Brasília e o XX Congresso Brasileiro de Psicanálise

Brasília sediará pela primeira vez um Congresso Brasileiro de Psicanálise. O lugar não poderia ser o mais adequado, mesmo em tempos nublados como estes. Afinal, trata-se do centro político do país e o tema escolhido deste XX Congresso é exatamente "Poder, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade". Desta forma, pretende-se discutir todas as formas de poder correlacionadas com o sofrimento psíquico no mundo de hoje. Veja texto sobre a organização (pág. 3) e os Cursos que serão desenvolvidos no XX Congresso nesta edição. (Págs. 4 e 5).

Apoio:



Casa do Psicólogo® Livraria e Editora Ltda.
Rua Mourato Coelho, 1059 — Vila Madalena — CEP 05417-011 — São Paulo/SP — Brasil — Fone: (11) 3034.3600 — Site: www.casadopsicologo.com.br

Conselho Diretor**Presidente** – Carlos Gari Faria**Secretário** – Pedro Gomes**Tesoureiro** – Regina Lúcia Braga Mota**Diretor do Conselho Científico** – Cláudio Rossi**Diretor do Conselho Profissional** – Mário Lúcio Alves Baptista**Diretor do Deptº de Publicações e Divulgação** – Adalberto Antônio Goulart**Diretor da Comissão de Relações Exteriores** – Maria Eliana Mello Helsinger**Diretor Superintendente** – Maria de San Tiago Dantas Quental**Secretária Administrativa** – Lúcia Lustosa Boggiss**Deptº. de Publicações e Divulgação****Editor da Revista Brasileira de Psicanálise** Leopold Nosek**Editora Associada**

Maria Aparecida Quesado Nicoletti

Delegados

Márcio de Freitas Giovannetti

Ana Maria Andrade de Azevedo

Vera Márcia Ramos

Carlos Roberto Saba

Wilson Amendoeira

Altamirando Matos de Andrade Jr.

Raul Hartke

Jair Rodrigues Escobar

Telma Gomes de Barros Cavalcanti

Humberto Vicente de Araújo

Bruno Salésio da Silva Francisco

José Francisco Rotta Pereira

Newton M. Aronis

Leonardo A. Francischelli

José Cesário Francisco Júnior

Pedro Paulo de Azevedo Ortolan

Regina Lúcia Braga Mota

Sylvain Nahum Levy

Leila Tannous Guimarães

Miriam Cátia Codorniz

Neilton Dias da Silva

Cláudio Tavares Cals de Oliveira

Sheiva Campos Nunes Rocha

Sergio Antonio Cyrino da Costa

Conselho Científico

Ana Rita Nuti Pontes

Áurea Maria Lowenkron

Fernando Linei Kunzler

Hemerson Ari Mendes

José Otávio Fagundes

Magda Sousa Passos

Márcia Câmara

Maria Aparecida Duarte Barbosa

Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregório

Ruggero Levy

Sérgio Cyrino da Costa

Waldemar Zusman

Conselho Profissional

Marina Massi

Letícia Tavares Neves

Jair Rodrigues Escobar

Eduardo Afonso Júnior

José Luiz Meurer

Sylvain Nahum Levy

José Alberto Florenzano

Jacques Zimmermann

Leila Tannous Guimarães

Vera Lúcia Costa de Paula Antunes

Comissão de Psicanálise e Cultura

Leopold Nosek (Coordenador)

Comissão de Psicanálise da Criança e do Adolescente

Rute Stein Maltz (Coordenadora)

Comissão de Psicanálise e Pesquisa

Theodor Lowenkron (Coordenador)

Comissão de Psicanálise e a Universidade

Sérgio de Freitas Cunha (Coordenador)

Comissão de Documentação, Comunicação e Internet

Rosa Maria Carvalho Reis (Coordenadora)

Comissão de Ligação com Entidades Médicas

Jair Rodrigues Escobar (Coordenador)

Comissão de Ligação com a Psicologia

Inúbia Duarte (Coordenadora)

Comissão de Difusão da Psicanálise

Maria Olympia França (Coordenadora)

Comissão de Estudos sobre Formação Psicanalítica

Suad Haddad de Andrade (Coordenadora)

Comissão de Núcleos filiados à ABP

Regiões: Norte, Nordeste e Sudeste até Rio de Janeiro

José Fernando de Santana Barros (Coordenador)

Regiões: Sudeste a partir de São Paulo, Sul e Centro Oeste

Romualdo Romanowski (Coordenador)

Edição

JLS Comunicação & Associados

Editores:

José Luiz Sombra

Adriana Vallim

Editoração:

Renata Vieira Nunes

Fotolito e Impressão:

Casa do Psicólogo (11) 3034 3600

Endereço: Av. N.Sª. de Copacabana, 540/704

Cep: 22020-000 Rio de Janeiro

Tel/Fax: (21) 2235 5922

e-mail: abp@rionet.com.br

Home page: www.abp.org.br

Coluna do presidente



Carlos Gari Faria

tencem como membros, e por suas qualidades próprias, desenvolvem um trabalho pioneiro. Este, em lugares que, mesmo não possuindo ainda instituições locais em nível de Sociedade ou Grupo de Estudos, já contam com a presença de psicanalistas e portanto da psicanálise como fonte de referência e recurso terapêutico.

Reconhecidos como Núcleos, título conferido pela ABP mediante a apresentação feita por sua Sociedade e a aprovação na Assembléia de Delegados, sua existência com nome próprio passou a ser inserida também dentro de um contexto de âmbito Nacional.

Isto se reflete mais objetivamente e em termos práticos, por exemplo, na realização de eventos científicos promovidos pelos Núcleos. A seu convite ou por sua solicitação, a ABP pode e tem, quase sempre, agendado suas reuniões regulamentares - como as do Conselho Diretor, Conselho Científico, Conselho Profissional ou Assembléias de Delegados - em consonância com datas e locais previstos para a realização de jornadas organizadas pelos Núcleos. Estas contam, então, em sua programação com a presença e participação de colegas vindos de diferentes Sociedades. Uma conjunção integradora entre reuniões administrativas e encontros científicos o que contribui para a sedimentação e difusão da presença da psicanálise em suas nascentes locais. Trata-se de um movimento construtivo numa tarefa integradora onde a Confederação que é formada por todas as Sociedades que lhe dão origem contribui em estímulo e presença num retorno a novas origens, estas agora criadas pelo trabalho dos Núcleos.

Estamos chegando agora aos dias de nosso XX Congresso Brasileiro, o Congresso de Brasília. Seu tema oficial "Poder, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade", foi proposto e aprovado há quase dois anos. Essa escolha traz implícita a busca de adequação com referência à cidade do Congresso. Assim, também a contemporaneidade nestes dias marcados e sacudidos por fenômenos e atropelos do poder nos chama, talvez mais do que habitualmente, a pensar, refletir e discutir numa busca de elaborar; o que é um dos objetivos centrais da tarefa psicanalítica.

Alguns aspectos que se complementam tais como: o trabalho conjunto que se desenvolve no Conselho Diretor; a confiança transmitida pela presença e participação das nossas Sociedades; a inserção maior das comissões e sua produção efetiva como parte da estrutura, da ABP; e mais a confirmação extensa de participantes das atividades científicas nos permite esperar um Congresso condizente com a estatura da nossa psicanálise. Um abraço, até Brasília.

A realização do primeiro Encontro Luso-Brasileiro de Psicanálise, acordado entre ABP e a Sociedade Portuguesa de Psicanálise durante o Congresso do Rio, está com data prevista para 29 e 30 de maio de 2006; os dois dias subsequentes ao Congresso de Língua Francesa que se realizará também em Lisboa. A aproximação de datas poderá facilitar a colegas brasileiros, os que assim preferirem, participar de dois Encontros dentro de uma e mesma viagem para "além mar".

Vejo neste primeiro Encontro, pensado e proposto por nós, a abertura de um intercâmbio efetivo e continuado entre psicanalistas com idioma comum, vivendo e trabalhando em culturas particulares a cada nação.

Esta abertura guarda também uma dimensão maior na possibilidade de, através de um programa continuado, expandir a presença da Psicanálise, semeando-a em outros países, os de língua portuguesa que não a possuem ainda como recurso a serviço da saúde.

Um outro marco ou começo, agora no plano interno, constituiu-se na realização da primeira Jornada de Psicanálise promovida pela ABP em Salvador no mês de setembro.

Ponto de partida na implantação da Psicanálise - a que conhecemos e praticamos dentro dos critérios internacionais estabelecidos e reconhecidos pela IPA - que se instala agora na Bahia com a presença de Maria Cristina Gondim, psicanalista membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo que retornou a sua cidade natal. No final do ano passado, entramos em contato, nos colocamos como ABP a sua disposição e da confluência com sua receptividade e dedicação ao trabalho, nasceu esta primeira Jornada. Seu tema: "Perspectivas teóricas da psicanálise: correlações com a prática clínica".

Redijo o final deste texto breve, enquanto estou regressando da - já - sexta Jornada promovida pelo Núcleo Psicanalítico de Aracaju, um pólo que se destaca pelo vigor com que exerce e difunde nossa ciência naquele Estado. Esta Jornada sob o título "Sofrimento psíquico e Contemporaneidade", tema que é também preparativo para o XX Congresso Brasileiro, contou com cerca de 250 participantes locais e de outros Estados entre estes, já muitos vindos de Salvador.

A criação da categoria de Núcleo dentro da ABP constitui-se, penso, em uma de suas contribuições mais efetivas. Formalizou-se como estímulo e também como um respaldo a mais aos colegas que, graças a suas Sociedades de origem e formação, às quais per-

Sobre o XX Congresso em Brasília

Regina Lúcia Braga Mota¹

Portella do Senado Federal, na Praça dos Três Poderes, tendo a satisfação de ter confirmado como conferencista para a ocasião, o primeiro brasileiro assumir a presidência da IPA, Cláudio Laks Eizirik.

Ao imaginar uma obra de arte que retratasse, no cartaz do congresso, o seu tema, pensamos em contar com a criação de um artista de Brasília. Nesse momento me surgiu a idéia de pedir permissão a nossa colega Silvia Helena Heimbürger para percorrer o atelier de Bernard, ainda quase intocado após sua morte. E assim, numa terça-feira de carnaval, após folhear pilhas e pilhas de gravuras e catálogos de exposições, nos deparamos na parede com um óleo que o próprio autor denominava "Marionetes". Parecia que o artista havia feito uma alegoria em tons fortes com a Praça dos Três Poderes acima, dominando o cenário, da qual, destacando-se de um escuro vazio, saíam cordões direcionados à Esplanada dos Ministérios e aos demais prédios da cidade, puxando daqui e dali, controlando a cena política e o destino do país. Após essa "viagem", consultamos alguns colegas e a escolha estava feita. O majestoso banner retrata melhor ainda do que os cartazes e os folders a força da imagem que, caso eu pudesse ter agora a autorização de Bernard Noël Heimbürger, gostaria de renomear como "As marionetes do poder", embora considere que não seja necessário. Na sua ausência, o autor da obra estará mais presente do que nunca no nosso congresso, como sempre esteve em nossos eventos, apesar de arquiteto, homenagando-nos e sendo homenageado.

Depois de muita discussão polêmica, a ABP teve a coragem de bancar o desejo de realizar ainda nesta gestão o XX Congresso, coincidindo com o mesmo ano do Congresso Internacional da IPA, realizado no Rio de Janeiro, o que foi decidido em Assembleia de Delegados. Prevendo um número de participantes mais reduzido, pensamos então, modestamente, num congresso de menores proporções, porém mais aconchegante e desde o ano passado temos nos reunido com o Conselho Científico da ABP, composto por representantes de todas as sociedades brasileiras, para a escolha do tema e outros assuntos.

"Poder, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade" emergiu como tema exatamente por ser Brasília o centro do poder político do país e pensou-se na riqueza que seria ampliar para todas as outras formas de poder, correlacionando com sofrimento psíquico e contextualizando nos dias atuais. Não é por acaso que a abertura do evento terá lugar no Auditório Petrônio

coroa com êxito o sonho da locomotiva cultural que foi Virgínia Bicudo para a psicanálise na capital federal.

No momento da escolha do tema do congresso, a cidade de Brasília e o governo navegavam em águas relativamente tranquilas e havia ainda uma certa euforia e esperança de que o novo nos iria trazer algo de bom. Hoje, sucede-se o trágico espetáculo a que todos assistimos, o que faz com que o tema do congresso seja, ao meu ver, mais oportuno ainda. Nós que aqui residimos e atendemos pacientes envolvidos, direta ou indiretamente, com a cúpula ou os bastidores do poder político, temos sido testemunhas do desapontamento causador de profundo sofrimento. A idealização pode ter sido excessiva e a esperança depositada em políticos que pertenceriam a uma qualidade diferente de pessoas foi por água abaixo. Como num efeito-dominó, estamos vendo cair um por um, cada personagem peça do mecanismo, num desabamento não só de um partido, mas da instituição política, de valores, gerando desilusão e desamparo. São comuns sentimentos de ter sido traídos pelo pai, variando o ponto de vista de quem era o pai daquela família mentirosa, que envergonhou seus afilhados, que foram os últimos a saber do que se passava.

Será que foi muita onipotência achar que poderia haver uma classe de políticos que não seriam atraídos pela ambição e vaidade, ou tocados pela arrogância que o próprio poder parece conferir a que o tem nas mãos? É possível conciliar ética e política? Retomamos à velha pergunta, formulada desde os tempos de Platão.

A consequência da situação política atual do país afetou profundamente a organização do nosso congresso. Também como num efeito-dominó, e num episódio claro do justo pagando pelo pecador, fomos perdendo patrocínios previamente acordados com órgãos públicos, por estarem envolvidos, ou não, nos escândalos por todos conhecidos. Passamos a encontrar as portas fechadas para a captação de novos recursos, inclusive junto aos empresários locais. A poucos meses do evento, tivemos que rever contratos, refazer planos para baixar custos e contamos com a arrecadação do maior número possível de inscrições para arcar com as despesas.

A SPB e a ABC se mobilizaram colaborando ativamente com a ABP nessa reta final, na tentativa de buscar apoios e patrocínios para que a parte material e logística do evento pudesse se efetivar da maneira mais produtiva e confortável para os congressistas.

Do ponto de vista científico, a ABP trabalhou arduamente na montagem do programa. Recebemos uma enxurrada de trabalhos para apresentação como temas livres, muito acima da expectativa, a ponto de termos de alugar mais salas, abrir novos horários e convocar novos coordenadores. As mesas redondas há muito já estão confirmadas, bem como as reflexões psicanalíticas e os seis cursos.

No seu papel itinerante, neste ano, a ABP realizou, junto aos Núcleos, frutíferas jornadas preparatórias em torno do tema do congresso, como as de Maceió, Goiânia e Aracaju, nas quais a presença maciça de um público jovem de estudantes universitários muito nos entusiasmou. Neste sentido, a jornada clínica de Salvador, a primeira jornada da ABP nessa cidade, também foi um exemplo disso, servindo de estímulo para um novo público entrar em contato com a psicanálise da IPA e incentivando para comparecer ao XX Congresso.

E assim como o país, apesar da maçante atmosfera política, a cidade de Brasília continua linda e funcionando muito bem, com uma qualidade de vida excepcional, da qual seus moradores muito se orgulham. Com o traçado arrojado de Lúcio Costa, a arquitetura inconfundível de Niemeyer, o ar puro, as largas vias públicas, o tráfego rápido, bons cafés e restaurantes, megafilarias, shoppings centers, a ponte JK, o Clube do Choro, o Parque da Cidade, a cidade certamente vai encantar os colegas congressistas. Se o tempo estiver bom, vale a pena dar uma esticada à cidade de Pirenópolis ou à Chapada dos Veadeiros.

Enfrentamos as adversidades com a certeza de que o balanço final será positivo, com a força, tenacidade e esperança com as quais sempre me conduzi na vida institucional, da qual aproveito para me despedir – pelo menos temporariamente – em 15 de novembro. Aproveito para agradecer o convívio rico e carinhoso com os colegas do Conselho Diretor da ABP e com a querida "supersecretária" Lúcia, dos quais já estou com saudades antecipadas.

Depende de nós, psicanalistas brasileiros, produzir o que realmente interessa: o bom nível dos trabalhos e das discussões. Que o XX Congresso Brasileiro de Psicanálise seja, além de um evento de elevado nível científico, também um momento de congraçamento, com a alegria que reencontros e o prazer de novos encontros podem proporcionar!

Espero vocês em Brasília!

¹ Tesoureira da ABP
Coordenadora do Comitê local organizador do
XX Congresso Brasileiro de Psicanálise

CURSOS MARCAM XX CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

A- "Brincar é coisa séria"



Inúbia Duarte

Coordenação: Inúbia do Prado Duarte, psicóloga e psicanalista, Mestre em Psicologia Clínica, Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), psicanalista de crianças e de adolescentes pela SPPA, sócia fundadora, docente e supervisora do Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP) e coordenadora do Curso de Especialização em Psicoterapia de Crianças e de Adolescentes do IEPP.

Resumo: A partir das contribuições psicanalíticas de S. Freud, M. Klein, H. Segal, W. Bion, D. Winnicott, será estudado o processo do pensamento, enfatizando os aspectos da comunicação através do brincar como linguagem entre e do par paciente-analista. Comparando-o ao sonhar como via régia ao e do inconsciente, seu uso é justificado na práxis psicanalítica como revelador da livre associação de idéias. Serão desenvolvidos os conceitos básicos dos fenômenos psíquicos do brincar: fanta-

sia, ilusão, simbolismo e personificações. Exemplos clínicos do brincar em diferentes quadros psicopatológicos ajudam a compreender seu uso na complexidade do e no campo psicanalítico.

1º encontro: Introdução

- Formação e processo do pensamento: contribuições psicanalíticas – S. Freud, M. Klein, H. Segal e W. Bion.

- Aspectos descritivos, fenomenológicos e metapsicológicos da comunicação através de atividades lúdicas.

- Entre o sonhar e o brincar: compreensão dinâmica, funções e mecanismos das atividades oníricas e lúdicas. A livre associação de idéias.

- Conceitos básicos dos fenômenos psíquicos do brincar: fantasia, ilusão, simbolismo. Personificações no brincar.

2º encontro:

- Estudo do brincar através de diversos brinquedos e jogos: significados, funções; compreensão dinâmica nas diversas etapas evolutivas e situações na inter-relação familiar, escolar e social. Aspectos saudáveis e psicopatológicos identificados através do brincar. O brincar em diferentes quadros psicopatológicos.

3º encontro:

- Técnica e práxis, do brincar como linguagem na comunicação entre e do par paciente-analista.

- A complexidade do e no campo. Questões éticas e técnicas na práxis psicanalítica. Diagnóstico e tratamento.

- Exemplos clínicos:

- Distúrbios alimentares e do sono.

- Problemas de aprendizagem da fala.

- Manifestações psicossomáticas e agressividade.

- Desvio na identidade de gênero.

- Depressão e inibição na latência.

Referências bibliográficas

ABERASTURY, A. - El Niño y Sus Juegos. Buenos Aires: Paidós. 1968; Teoría y Técnica del Psicoanálisis del Niño. Buenos Aires: Paidós 1972; Psicoanálisis de niños. Revista de Psicoanálisis – APA, v. 50, n. 2, 1993.

AXLINE, Mae V. - Ludoterapia – A dinâmica interior da criança. Interlivros, Belo Horizonte. M.G. 1972

CAPER, R. - O brincar, a experimentação e a criatividade. Livro Anual de Psicanálise, v. 12, 1996.

CENA, M.T. - El niño del psicoanálisis, distintos modelos teóricos y sus consecuencias en la clínica. Revista Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados, nº 15, 1988.

DUARTE, I.; BORNHOLDT, I.; CASTRO, M. A Prática da Psicoterapia Infantil. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989; "Formas do Brincar – Uma revisita à dissertação de mestrado 25 anos depois" – Tema Livre na Jornada Anual do IEPP, agosto de 2004;

"Brincar de Verdade" – Um estudo da atividade lúdica na práxis psicanalítica. Trabalho de Membro Efetivo, SPPA, Porto Alegre, 25 de janeiro de 2005.

FERRO, A. - A Técnica na Psicanálise Infantil da Criança e o Analista: da relação ao campo emocional. Rio de Janeiro: Imago, 1995

KLEIN, M. - Obras completas, II Contribuciones al psicoanálisis. Paidós-Horme, Buenos Aires, 1983; (1923) Análisis infantil; (1926) Principios psicológicos del análisis infantil; (1927) Simposium sobre análisis infantil; (1929) La personificación en el juego de los niños; (1930) La importancia de la formación de símbolos en el desarrollo del yo; (1931) Una contribución a la teoría de la inhibición intelectual; Psicanálise da Criança. São Paulo: Mestre Jou, 1969.

LEBOVICI, S, DIAKINE, R. - Significado e Função do Brinquedo na Criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LIBERMAN, D.; PODETTI, R.; MIRAVENT, I.; WASERMAN, M. - Simiótica y Psicoanálisis de Niños. Buenos Aires: Amorrortu, 1984.

SEGAL, H. - Sonho, Fantasia e Arte. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

WINNICOTT, D. - Clínica Psicoanalítica Infantil. Buenos Aires: Paidós, 1971; El proceso de maduración in el niño: estudios para una teoría del desarrollo emocional. Barcelona: Laia, 1975; O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975; A Criança e Seu Mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 1975; Textos seleccionados: Da Pediatría à Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

B- Importância do Negativo em Psicanálise

A clínica do Negativo



Carlos Vieira

Carlos de Almeida Vieira

O público alvo deste curso de três dias, 1h/dia, são Candidatos, Profissionais da Área de Psicologia, Medicina e Áreas afins. O curso abordará os conceitos de Winnicott, Bion e André Green sobre a importância do Negativo em Psicanálise. Inicialmente apresentaremos as idéias

do Negativo, enfatizando a clínica da contemporaneidade onde incidem distúrbios de natureza psicopatologia com questões relativas à dificuldade de simbolização. Diferentemente dos quadros neuróticos clássicos essa clínica mostra estruturas defensivas permeadas de clivagem excessi-

va, identificações projetivas, forclusão e mecanismo depressivo, depressivo no sentido que Green lhe atribui, ou seja, uma descateixização radical da libido, criando quadros graves, sem possibilidade de substituições simbólicas. Juntamente com o conceito de parte-

va, identificações projetivas, forclusão e mecanismo depressivo, depressivo no sentido que Green lhe atribui, ou seja, uma descateixização radical da libido, criando quadros graves, sem possibilidade de substituições simbólicas.

Juntamente com o conceito de parte-

continuação

psicótica da mente (Bion) e estados pré-primitivos da mente (Winnicott), a elaboração teórica de Green relativa às personalidades fronteiriças e estados de mente em branco fala da importância de se trabalhar numa área do Negativo em psicanálise, área muito frequente nas clínicas de hoje.

O curso, partindo destes conceitos vai enfocar preferencialmente as condições que o Analista necessita como método e técnica para lidar com tais patologias. A Capacidade Negativa do Analista, disciplina que expande o conceito de Atenção Flutuante,

cria um modelo identificatório para o Analisando, produzindo desse modo condições para nomear, emergir angústias primitivas que com o decorrer da análise possam ser verbalizadas e simbolizadas.

Capacidade Negativa ou seja, desenvolvimento de competência para conviver em situações de incertezas, dúvidas e mistérios, cria um espaço fecundo, lúdico no sentido winnicottiano e de parceria gravídica no modelo bioniano.

O curso resgata uma questão do método psicanalítico, diferenciando-o das outras

psicoterapias e enfatizando a necessidade de manter vivos os conceitos de atenção fluando, associação livre de idéias e a importância do trabalho analítico no campo da transferência-contratransferência. Enfatiza a necessidade na análise pessoal e da análise de supervisão como meios permanentes de desenvolver condições emocionais para manejar área de distúrbios narcísicos. Os distúrbios de identidade, as sensações de vacuidade, de estranheza de si mesmo, de falso-self, de vazio e atuações em área psicossomática e drogadições revelam o

“colorido depressivo” dos tempos atuais. O Analista necessita de uma escuta contemporânea, uma escuta frente à dissonância do vazio e discurso atuais.

O curso então, pretende criar um espaço para discussão permanente sobre os temas acima citados, sempre direcionado à pessoa do Analista enquanto trabalha, ou seja, o enfoque será mais clínico, técnico e metodológico.

* ME e Didata da SPB e do NPA - almeida55@hotmail.com



Eliana Helsinger

C- As estruturas clínicas

Eliana Helsinger*

O curso tem como objetivo trabalhar as neuroses, as psicoses e a perversão. O conceito de estrutura, o início do tratamen-

to, a direção da cura e o final de análise. A diferença entre o mecanismo do recalque, forclusão e recusa. Serão dados exemplos

clínicos para demarcar as diferenças entre as três estruturas.

* ME e Didata da SPRJ

D- Contextualizando a psicologia do self e a Psicanálise Relacional



Pedro Gomes

Pedro Gomes*

Esse curso consta de três aulas e é fundamentalmente apoiado pelo trabalho, cujo título é o nome do curso de James L. Fosshage. O trabalho foi publicado no “Contemporary Psychoanalysis”, em 2003.

A primeira aula versará sobre o tema Ouvir e experienciar: a escuta psicanalítica e será dada por Leticia Tavares Neves e

Marília de la Cal. A segunda aula será sobre O conceito de Self em algumas de suas várias concepções atuais. Essa aula será dada por Sara Lustman Gang e Silvia Melchior Affonso. A terceira aula será sobre A ação terapêutica, incluindo a teoria da mudança, a participação do analista e formas de relacionabilidade. Será dada por

Lucia e Renato Barauna e Pedro Gomes.

Todos os professores do curso fazem parte da Associação Brasileira para o Estudo da Psicologia Psicanalítica do Self (ABEPPS), com sede no Rio de Janeiro, fundada em 2001.

* ME e Didata da SBPRJ

E- O Adolescer na relação entre pais e filhos

M[arcia Camara

O objetivo deste encontro é a possibilidade de focalizarmos o processo adolescente em uma ampla perspectiva. A adolescência é o período de maior transformação do ser humano, tanto do ponto de vista corporal, como psico-social. A procura da definição de identidade, as afirmações de todas as ordens invadem a vida do adolescente. A

escolinha, tão protegida do infante, abre espaço para escolas maiores e mais exigentes. É o prenúncio do ingresso na categoria de adulto jovem. Acompanhando este processo, lado a lado, estão os pais, também sujeitos às suas transformações. Estão no momento de passagem para a idade madura. Os filhos lhe anunciam isto com

seu futuro e sua juventude estrepitante. O futuro dos pais é o hoje, o agora, e sua chegada à idade dos “enta”. Geralmente, os casamentos precisam ser renovados e reelaborados, para não imergirem na mesmice de um cotidiano desgastado.

Na primeira parte de nosso encontro discutiremos a questão da adolescência e

suas transformações.

Na segunda parte, discutiremos as perspectivas parentais sociais deste adolescer.

Na terceira, gostaríamos de trabalhar estas perspectivas em seus enlaces, isto é, relações pais e filhos, ressaltando os problemas mais emergentes em nosso mundo atual.

F- Erotismo

Conversando com Stefano Bolognini

Telma Barros*



Stefano Bolognini em palestras pelo Brasil

1. Em seu percurso psicanalítico você tem conhecido e freqüentado múltiplas realidades, diferentes países e culturas. Este ano, pela primeira vez, você visitou o Brasil. Qual a sua impressão do país, da produção teórica, e da psicanálise praticada no Brasil?

Minha experiência brasileira é recente, mas muito intensa. Estive no Brasil duas vezes em três meses, mas sobretudo tive possibilidade de trocar idéias e casos clínicos com colegas brasileiros de maneira muito profunda e intensiva em São Paulo, Recife e Rio, e posso dizer de ter agora uma imagem relativamente extensa da psicanálise brasileira.

De um ponto de vista teórico, a realidade brasileira parece bastante complexa, com "estratificações" freudianas, kleinianas, winnicottianas e bionianas, e nisto há alguma semelhança com o percurso histórico científico italiano: também nós fomos por longo tempo "importadores" de psicanálises estrangeiras, antes de desenvolver linhas originais locais.

Parece-me que atualmente prevaleça no Brasil um forte interesse por possíveis desenvolvimentos das idéias de Bion, que são com freqüência exploradas de maneira original e criativa.

Devo dizer, porém, que além dos esquemas teóricos, o que verdadeiramente me impressionou, na psicanálise brasileira atual, são duas características mais gerais, talvez "constitucionais", que na minha opinião a tornam extremamente interessante.

A primeira é uma sensação profunda de respeito pelo paciente. Percebe-se logo, nos casos clínicos, que os colegas brasileiros são constantemente, diria quase "ins-

tintivamente" atentos às condições internas do paciente, e sobretudo às condições de seu Eu defensivo e do Si: atentos ao que o paciente pode suportar e elaborar sem sobrecarregar-se com risco de desconpensar. E – não menos importante – atentos a não fazer faltar ao paciente um vivido de respeito fundamental como pessoa, mesmo na imprevisibilidade dos desenvolvimentos clínicos. O todo, sem perder de vista a própria relação fundamental com a teoria e a técnica psicanalítica.

Cito essa sensação de fundo porque não é nada de automaticamente esperada: há outras tradições psicanalíticas nas quais, no ideal triângulo edípico "analista – teoria analítica – paciente", percebe-se um potencial desequilíbrio a favor de uma teoria idealizada e preponderante (sobretudo em algumas escolas européias), ou de um aspecto igualmente idealizado do paciente a respeito de uma sua "sacralidade" narcísica a priori (em algumas escolas norte-americanas).

Parece-me que os colegas brasileiros respeitem seja "o filho" (o paciente, na sua dignidade e especificidade), seja "o outro pai" (a psicanálise, como trabalho, teoria, técnica e tradição), de modo harmônico e – por isso mesmo – quase instintivo.

A segunda é o frescor: há uma feliz "tomada direta" com a clínica, e o referimento aos autores parece mais funcional em procurar entender o que está acontecendo na sessão, que não a celebrar um ritual obrigatório e conformista.

Os autores, em suma, me parecem que são chamados em causa e consultados quando e porque são úteis, e não por uma sujeição superegóica. Isto produz um agradável efeito de frescor, e deixa perceber uma disponibilidade para o novo.

Recorrendo a uma imagem muito simples, diria que a psicanálise brasileira me lembra, no momento atual, um jovem "de boa família" cheio de energias e de curiosidade pelo mundo: e isto está em sintonia com os desenvolvimentos institucionais atuais, com o elevado grau de progressiva organização de suas Sociedades, que estão em expansão, com os eventos congressuais que tem estimulado tanto a atenção internacional, e com a presidência da IPA pela primeira vez no Brasil.

O valor das trocas

As grandes distâncias geográficas entre os diversos Institutos não parecem

desencorajar as trocas, e isto para nós europeus (um pouco "viciados" pelas distâncias muito menores) é realmente fascinante.

Vocês têm uma vantagem, nestes contextos: a homogeneidade lingüística, que ajuda muito. Pensem que as Sociedades psicanalíticas européias falam 26 línguas diferentes, e quase todas realmente muito diferente entre si!

Em conclusão, posso dizer que o encontro com os colegas brasileiros foi para mim vivificante, e me despertou sentimentos de estima e também de verdadeiro contentamento em compartilhar dias de intenso trabalho científico.

2. O conceito de "Empatia Psicanalítica" tem sido objeto de seu estudo há vinte anos. Como surgiu o interesse por esse tema?

No início da década de 80 comecei a ocupar-me do conceito de empatia a partir de duas motivações:

A primeira, ligada à experiência clínica de ter desfrutado, em alguns momentos raros e privilegiados, de uma feliz conjuntura de afeto, fantasia e pensamento, de forma a possibilitar ao paciente e a mim mesmo compreender profunda e corretamente o que estava acontecendo: uma experiência clínica inesquecível.

A vivência desses fenômenos gerou em mim uma outra motivação, científica, de poder de alguma forma melhor reconhecê-los, registrar seus contextos, circunstâncias facilitadoras internas e externas, com a íntima esperança – que obviamente se revelou em grande parte ilusória – de poder reproduzi-los intencional e experimentalmente, segundo uma ótica galileica nunca apaziguada em alguém que, como eu, provém de formação médica.

Quando eu era um jovem candidato enfrentando as tradicionais dificuldades dos primeiros tratamentos psicanalíticos e com o suporte das supervisões, fui várias vezes impactado com um tipo de experiência intrassessão rara, absolutamente imprevisível, porém ao mesmo tempo notável. Essa experiência caracterizava-se por um eficaz contato emocional e uma feliz clareza representacional durante a qual a vivência consciente do paciente era melhor experimentada e compartilhada, sem que paciente e analista perdessem a sensação de separação e de verdadeira individualização.

Porém, ao mesmo tempo acontecia que não só o "olhar" psicanalítico (compreen-

der intelectualmente, poder explicar, o "erklären" jaspersiano) mas também a experiência in toto do "compreender e sentir" (na forma bem integrada do compreender/ "verstehen") se estendiam um pouco mais em profundidade, até áreas menos ego-sintônicas, como se as malhas do eu defensivo tivessem dilatado ocasionalmente, e o "calado" de nossos censores internos gozassem, naquela circunstância, de um momentâneo mas amplo acesso ao pré-consciente nosso e do outro.

Não encontro uma metáfora melhor que aquela que alude a certos dias plenos de beleza, quando o ar está límpido e a vista pode chegar longe, até o horizonte, sem impedimentos.

Da minha cidade é possível ver bem os Alpes quatro ou cinco vezes ao ano, quando uma feliz coincidência de correntes de ar elimina o panorama de nuvens, umidade, névoas, etc., (equivalentes simbólicos de nossas defesas internas e das dificuldades da "trama relacional" intrapsíquica).

Nesses raros dias as montanhas se mostram em toda sua comovedora beleza, sem que as distâncias reais sejam negadas: elas estão e aparecem distantes, ou seja bem separadas de nós. Porém, são também perceptíveis e desfrutáveis nos mínimos detalhes, na paisagem gradual dos bosques, nas encostas, subindo até as montanhas iluminadas pelo sol.

A nova relação

Em função de suas conexões com a visão esta metáfora não é alusiva e limitada apenas ao conceito de insight, pois a experiência descrita é quase sempre compartilhada, mobilizando emocionalmente os participantes e promovendo posteriores desenvolvimentos relacionais entre os presentes.

Em tais ocasiões ficava impactado ao constatar como esta condição privilegiada permitia naturalmente trabalhar com o paciente sem pressioná-lo e respeitando especificamente os ritmos e as dificuldades subjetivas, justamente porque o medo, os obstáculos e os bloqueios do interlocutor eram também objeto de adequada percepção e conseqüente respeito.

Ao mesmo tempo, era certo também que o paciente compartilhando estas atmosferas momentâneas de contato e de representabilidade do mundo interno, permitia-se geralmente um uso mais fluido de si e da relação; pelo menos até o inevitável retorno

da névoa, quando por longos períodos a análise voltava a ser um trabalho difícil, de obscuras e fragmentares associações, de silêncios e de distâncias inalcançáveis, contidas pelo setting e por uma confiança básica na bondade do método.

Convencido de haver individualizado o núcleo de transformação da análise – área na qual o conhecimento e a mudança eram possíveis em um grau máximo – pensei ingenuamente que se conseguisse estudar com êxito as modalidades técnicas para produzir “ad art” as situações empáticas realizaria uma aquisição no campo psicanalítico mais ou menos equivalente à descoberta da pedra filosofal.

Registre em mim, também com certo incômodo, o cultivo implícito de fantasias de “competência empática” especial e inata, como se pudesse ter secretamente um recurso especial para sintonizar-me com os pacientes. O reconhecimento dessas ilusões, penoso narcisisticamente, foi facilitado pelo fato de poder constatar quão difundidas estavam essas fantasias privadas entre os jovens colegas (praticamente uma ilusão universal dos futuros analistas); e seu desinvestimento se fez inevitável no transcurso da prática clínica. Ai de mim, quantos dias de névoas e brumas me esperavam, em vez do ar límpido, desejado e esperado no início da formação!

3. Qual sua concepção a respeito da diversidade teórico-clínica na formação e na prática analítica?

Nos informes clínicos encontramos com frequência, nas entrelinhas do material apresentado, indícios do referencial teórico de base do psicanalista, através de microteorias que integram o material gerando, por sua vez, micro referências na sessão dotadas de relevâncias. Por exemplo, na maneira de formular uma interpretação.

Através da leitura atenta de importantes autores observa-se habitualmente, com certa clareza, que em teorizações muito diferentes e às vezes francamente divergentes “há verdade” nas diferentes contribuições que se está lendo. Por vezes tal fato suscita em alguns uma reação de incômodo científico.

É possível constatar que um certo grau de realismo, intuição e coerência certamente estão presentes, em medida variável, nos diferentes modelos teóricos propostos.

Pode-se pensar que talvez seja muito mais tranquilizador sentir-se protegido por uma única verdade revelada e dispor de um “passe-partout” bom para todas as necessidades. Não é o meu caso, e sei que estou em boa companhia. De toda maneira, existe um corolário desta constatação: em alguns casos, o saber manter-se em suspensão temporária de julgamento fren-

te aos aspectos aparentemente inconciliáveis de diversos modelos, pode conduzir com o tempo a compreender melhor quando e porque um modelo é pertinente e satisfatório, quais são seus âmbitos de aplicação e seus limites heurísticos; como se pode superpor ou articular com modelos diversos porém que referem também analogias interessantes.

A suspensão consciente da sensação de incompatibilidade, frente à apreciação de modelos diversos, não é o mesmo que um uso escindido dos muitos modelos por parte do mesmo terapeuta.

Seja como for que se avalie a questão da complexidade das correntes teóricas, nas escolas de psicoterapia e nos institutos de formação (com exceção parcial da psicanálise francesa, que tem uma certa unidade) permanecem sempre al-

po psicanalítico bem como das oportunidades que este oferece depois de um século de trabalho, reflexões e debates.

Não gostaria que me interpretassem mal: é possível haver traição e perda da identidade, no nível interno e no externo. Existe a possibilidade de uma transferência muito ambivalente ou francamente negativa para com os professores assim como para com os pais; e existem os *pactwork*, as colagens, as esquizoidias conceituais nas quais o sujeito teórico congruente já não é reconhecível. Estou tentado descobrir as várias eventualidades, para subtrair da complexidade formativa contemporânea os fantasmas negativos ou positivos, demasiados rígidos e simplificadores, que possam associar-se de forma estereotipada.

Definitivamente, o mais importante não

(...) “ Não se pode sintonizar (ou iludir-se de poder fazê-lo) especificamente e no modo contra transferencial concordante, somente com o “si mesmo ferido narcisisticamente” ou somente com a sexualidade do paciente”(...)

gumas conotações características de base. Porém cada vez mais frequentemente as contribuições revelam as hibridações progressivas (algumas bem sucedidas, originais e interessantes, outras não) que um profissional encontra durante sua formação.

Às vezes assistimos a uma feliz “exuberância dos híbridos”: conhecido fenômeno biológico pelo qual novas combinações de elementos genéricos distantes originariamente produzem indivíduos mais ricamente dotados que os precedentes.

Outras vezes nos encontramos, por outro lado, com uma babel de integrações falidas de vinculações mal sucedidas que provocam incongruências.

Naturalmente, faz-se necessário preservar as capacidades críticas e seletivas que devem permitir ao terapeuta “adotar” ou não o que se lhe apresenta; isto não implica necessariamente nem traição da origem, nem perda da identidade, mas sim o reconhecimento da complexidade e riqueza do cam-

po que se trabalhe com um ou mais autores, com modelos unitários ou diversificados. O mais importante é a forma como fazemos.

4. A partir da sua concepção de “Empatia Psicanalítica”, qual a relação com a idéia de “Experiência Compartilhada” ?

O fato de compartilhar constitui uma fase necessária do processo analítico “Intender nom lo puó chi nom lo pruova” – Dante Alighiere, “La Divina Commedia”; traduzindo, “quem não experimenta não pode entendê-lo” em diferentes níveis e segundo a modalidade específica de cada caso, com todos os pacientes que vivem um distúrbio no contato consigo mesmo.

O analista deveria, justamente, ser uma pessoa suficientemente capaz de sentir e de pensar junto a outro ser humano, interessado em criar e fazer crescer no outro uma vida mentalmente rica, respeitando a originalidade do desenvolvimento. Porém compartilhar profundamente as experiências emotivas não pode “ser decidido” pelo analista como pon-

to de partida programático: ele pode apenas permitir-se estar mais ou menos consciente da inevitabilidade assim como da imprevisibilidade de tal acontecimento. Em relação a esta tomada de consciência o indivíduo poderá iludir-se, uma vez que não se trata de um processo fácil de cultivar, como comumente se pode acreditar. Teoria da técnica e narcisismo do analista parecem enfrentar-se, neste ponto com alguma dificuldade. Os psicanalistas atuais, dispostos a compartilhar o campo intersubjetivo, parecem temer menos os pioneiros na utilização da experiência emocional compartilhada na sessão, pela própria experiência de formação, que freqüentemente se traduz numa maior capacidade de articulação interior.

Parecem propensos ou pelo menos “resignados”, num certo sentido, a amar ou odiar, a temer ou esperar, a sofrer ou a felicitarse com os seus pacientes. Em suma, transformar-se junto a eles, em vez de tentar dar um sentido inteligível às coisas. Estou convencido de que ocorreu realmente o desenvolvimento de uma técnica analítica sempre mais viva, articulada e complexa, em relação à qual a literatura só confere parcial reconhecimento. É difícil – como infelizmente sabemos – encontrar as palavras adequadas para descrever as passagens mais intensamente verdadeiras e transformadoras de nossa jornada de trabalho, assim como para formular os conceitos que organizam teoricamente nossas observações. Existe um aspecto “público” e um “privado” da técnica psicanalítica, como disse Joseph Sandler.

Uma hipótese que pretendo sustentar e desenvolver é que um dos motivos pelos quais na literatura há lacunas descritivas importantes a respeito da riqueza da práxis, reside no fato de que muito do material clínico a ser descrito apresenta, na realidade, o analista atuando em circunstâncias clinicamente pouco estéticas, além de difícil enquadramento do ponto de vista teórico. Portanto inclino-me a pensar que as modalidades com as quais trabalhamos e que definitiva e freqüentemente permitem sintonizar-nos com nossos pacientes dependem muito pouco de nossa vontade. Com frequência são muito heterogêneas a respeito dos ideais nos quais nos inspiramos para estabelecer nossa “atitude analítica”. Muitas vivências compartilhadas autênticas e difíceis têm sido possíveis justamente quando o analista perdeu o eixo, a maestria, o bom estilo (porém conservando o amor e o respeito pela psicanálise) para encontrar-se depois “malgré lui” inesperadamente, sobre o terreno da experiência de compartilhar. A experiência compartilhada é a meta mais valorizada da psicanálise atual: hoje compreende-se que a transformação se realiza de preferência num meio relacional, e que a mente do paciente toma forma e se organiza quando o

analista consegue realizar sua função com competência e humanidade, ali onde os objetos primários foram inconsistentes num momento de necessidade. Ao mesmo tempo, o fato de compartilhar não pode ser entendido como uma meta, no arco do processo analítico. Para esclarecer a relação entre o conceito de compartilhar e o de empatia, é possível referir que esta última constitui o êxito integrador maduro do processo de compreensão, no momento em que se organiza um sentir e um pensar harmonicamente comuns, dos quais compartilhar é a necessária premissa bruta, porém não o produto final nem tão pouco – de novo – a garantia.

Devo dizer que boa parte de minhas observações sobre o tema da empatia vão em direção exatamente oposta ao lugar comum que, em geral, os não adeptos dos trabalhos sobre o tema sustentam. Também minhas observações se opõem a alguns colegas pouco dispostos a aprofundar-se neste assunto. Por exemplo, o relativo a um tipo de “bondade” analítica baseado na qual o analista deveria se dispor positivamente, favoravelmente, a priori até o paciente e sintonizar-se essencialmente com sua vivência ego-sintônica, concordando com ela. Procurei desmistificar a percepção a percepção fácil e imprecisa com a qual este termo é habitualmente percebido e utilizado.

A empatia é, ao contrário, um fenômeno intra e inter-psíquico complexo e em certo sentido “isento de preconceito”, que requer uma certa capacidade de articulação interna, uma desencantada liberdade de percepção e de representação de afetos, assim como de configurações de qualquer tipo.

Uma empatia autêntica requer, antes de tudo, como veremos, distância e diferenciação, atenção e capacidade de manter o pensamento teórico operante. A empatia permite e compreende a capacidade de surpreender-se. Porque a surpresa implica o reconhecimento da alteridade, do irredutível do outro a nós, inclusive quando o percebermos em nosso interior.

Propus uma possível definição da empatia psicanalítica (que se junta àquela de Beres e Arlow, 1974, de Schafer, 1983 e de muitos outros): “a verdadeira empatia é uma condição de contato consciente e pré-consciente caracterizada por discriminação, complexidade e articulação; ela comporta um espectro perceptível amplo no qual estão compreendidas todas as tonalidades de cor emocional, das mais claras às mais escuras; e sobretudo um progressivo, compartilhado e profundo contato com a complementariedade objetal, com o ego defensivo e com as partes escindidas do outro, não menos que com sua subjetividade ego-sintônica”.

Como se pode imaginar uma definição deste tipo fecha a porta a soluções fáceis

no campo clínico e a formulações mono focais no campo teórico. Não se pode sintonizar (ou iludir-se de poder fazê-lo) especificamente e no modo contra transferencial concordante, somente com o “si mesmo ferido narcisisticamente” ou somente com a sexualidade do paciente; sobretudo, no modo contratransferencial complementar, com seus objetos internos, pensando ter vivido com ele uma experiência empática propriamente dita, como também uma experiência de empatia psicanalítica.

Em minha exploração das situações empáticas cheguei à ideia de que a empatia psicanalítica é algo diferente, mais profundo e complexo, que a empatia natural, da qual são geralmente capazes as pessoas dotadas de uma boa e equilibrada sensibilidade.

O analista experiente está bem preparado para reservar espaço no campo mental para a aparição eventual de novas configurações mais ou menos relacionadas com as precedentes: o detalhe incongruente, o elemento escindido pode encontrar abrigo num recanto colateral “suspensão” à espera de integração e reconexão com o resto do contexto. É muito pouco frequente que uma pessoa pouco experiente esteja em condições de tolerar isto por mais de um instante ou esteja propensa a fazê-lo.

Ao meu ver, o compartilhar não corresponde à empatia; é somente um potencial precursor. Resta, todavia muito trabalho contratransferencial por desenvolver antes que do compartilhar (que pode ser um evento traumático não integrado pelo representar e o elaborar) se passe à compreensão empática propriamente dita.

Segundo meu parecer os analistas são comparáveis nesta atividade àqueles mergulhadores que, equipados somente com “instrumentos naturais”, estão em condições de explorar o ambiente marinho até poucos metros de profundidade. Uma possibilidade bem modesta em relação aos abismos que se abrem frente a eles, porém comparavelmente valiosa diante do vão esforço de perspectiva de quem, como muitos pacientes, nessa água nunca estiveram em condições nem de colocar um pé.

Posso evidenciar alguns pontos fundamentais:

- A empatia é uma condição complexa, que não se limita à concordância com a vivência consciente ego-sintônica do paciente (a hipótese dos “simplificadores” grosseiros) nem uma parte específica consciente ou inconsciente privilegiada por uma teoria (como por exemplo, o “si mesmo narcisisticamente ferido” para os kohutianos). Requer espaço e suspensão para identificar-se parcial e conscientemente em forma articulada com as diferentes áreas e níveis do paciente.

- A empatia não pode ser programada, por que se realiza através de ocasionais e raras aberturas dos canais pré-conscientes do analista, do paciente ou dos dois.

- A experiência formativa do analista o coloca em certa vantagem em relação à maioria das outras pessoas, no sentido de poder criar condições intra e interpessoais que promovam situações de tipo empático um pouco mais facilmente e de modo mais articulado.

- A empatia não tem nada a ver com a bondade nem com a simpatia, porque pode realizar-se sobre a base de uma compenetração em si mesma pouco gratificante que se torna possível às vezes, justamente pela ressonância específica com as correspondentes áreas “indesejáveis” presentes no psicanalista ou com seus sentimentos negativos.

- A empatia psicanalítica compreende a possibilidade de aceder com o tempo através da elaboração contratransferencial, também a reintegração de componentes escindidos, não só hipotetizados- de forma artificial – senão experimentados e reconhecidos pelo analista em um regime de reconhecimento vivencial.

- Se a consciência é a sede natural da organização e da formalização da vivência “a luz do ego”, o pré-consciente é o lugar da exploração da experiência do si mesmo próprio e do outro.

5. De que forma você concebe a experiência psicanalítica na contemporaneidade?

A psicanálise atual, não me cansarei de repetir, é extremamente ampla e estimulante, e se dispomos de uma boa cartografia, de uma formação cultural de base sólida e de um vivo instinto subjetivo de investigação, pode conduzir a descobertas surpreendentes.

Falo de uma psicanálise em evolução, em movimento (pelo menos assim espero). Minha formação de base é clássica e não a renego em absoluto; e mais, considero-a um patrimônio irrenunciável que se enriquece com integrações posteriores ao longo do caminho.

Por certo é necessário sermos curiosos e abertos ao novo, sem deixar de lado o rigor e o sentido crítico.

Em psicanálise, tudo o que é demasiado intencional e programático corre um grande risco de impostura, de fracassar ou cair no ridículo. Creio que tampouco podemos decidir “como” compartilhar. Acredito na força do inconsciente e em sua imprevisível irredutibilidade, assim como nos constantes progressos dos analistas na arte de navegar e transpor obstáculos nesse percurso; porém, como no mar, nada acontece de uma vez nem para sempre. Agora, dito tudo isso, permanece o fato de que compartilhar a experiência profunda do paciente parece ser

uma das novas dimensões específicas da psicanálise do nosso tempo; que embora não sendo a única não é também a menos importante. De acordo com a história e as necessidades de cada paciente, poderá tomar diferentes formas.

Os psicanalistas dedicam muitos anos a aprender a articular de forma integrada as capacidades de sentir e de pensar; em particular a capacidade de sentir que favorece o ajudar a sentir; conquista peculiar que precisa ser valorizada, alimentada e protegida. Precisam cultivar a arte do contato com seu próprio mundo interno e com o dos outros, assim como cultivar também uma espera silenciosa e a discreta função de ser testemunha.

“Trabalhar mal”, de fato significa não estar em contato primeiro consigo mesmo, antes mesmo de poder estar em contato com o paciente; ou, para dizer de modo mais teórico, não funcionar em um nível de integração que permita ao próprio “yo de trabajo” tomar contato com o self para reconhecer e elaborar suas experiências durante a experiência psicanalítica.

Referências Profissionais

Stefano Bolognini, psiquiatra e psicanalista, vive e trabalha em Bolonha, Itália. É training e supervising analyst da Sociedade Psicanalítica Italiana, onde foi secretário científico desde 1997 até 2001. É representante para a Europa no Board da Associação Psicanalítica Internacional – IPA. É também presidente do Centro Psicanalítico de Bolonha e faz parte do European Board of International Journal of Psychoanalysis e do Working Party on Theoretical Issues da Federação Europeia de Psicanálise (FEP).

Seus artigos, dedicados sobretudo aos temas da empatia, a contratransferência e a **disposição** interna do analista, tem aparecido nas principais revistas especializadas europeias e americanas. Seu livro *La Empatía Psicoanalítica* foi publicado em alemão, inglês e francês. Publicou também o livro “Come vento, como onda”. *Dalla finestra di uno psicoanalista, I nostri (bi) sogni di gloria* (1999), compilação de relatos psicanalítico com o qual recebeu o prêmio Gradiva no ano 2000; também o volume “Il sogno cent’anni dopo” (2000). É também co-autor de numerosos artigos sobre psicanálise, publicados em revista de diversos países.

Obs.: Parte do material publicado consta do livro “La Empatía Psicoanalítica”, e dos trabalhos “Compartir y Malentender” e “Complejidad de la empatia psicoanalitica: Una exploración teórico-clínica”.

*Telma Barros: ME e Didata da SPR

Capacidade de pensar ansiedades traumáticas na experiência psicanalítica

Antonio Sapienza*

“A Realidade é um Tigre e a Psicanálise é uma das listas de sua pele”.
Wilfred Ruprecht Bion – Seminários Italianos - 1977



Antonio Sapienza

I – ANGÚSTIA TRAUMÁTICA

A violência brusca ligada à invasão da consciência por fantasias inconscientes associadas ou não a impactos vindos da realidade externa [ferimentos, ameaças bruscas, guerra, etc] encontra um primeiro grupo de proteção psíquica constituído pela ativação de mecanismos de defesa, participantes da barreira de contato entre consciente/inconsciente, que tentam proteger a integridade de funções do ego.

A vigência da angústia traumática se instala pelo fracasso no uso da angústia sinal e concomitante ruptura das defesas neuróticas, as quais tentavam conter a invasão do self pelas fantasias inconscientes relacionadas às ameaças de castração; trata-se ainda de manifestações clínicas relacionadas às vibrações da personalidade em registro de ordem neurótica.

A angústia traumática aciona o uso de um segundo grupo de defesas, (descritas de modo mais nítido por Melanie Klein, principalmente splitting-off e identificação projetiva), relacionadas às ameaças de sobrevivência do self como um todo; o registro clínico passa a se dar no campo de sofrimentos das psicoses. Assim pode-se instaurar um gradiente de perdas de senso comum, que se manifestarão por estados de mente que evidenciam fenômenos

dissociativos, em que o sujeito pode tornar-se amplamente alheio a si mesmo [esquizofrenia].

O interesse de Freud conduz suas pesquisas clínicas a investigar a fenomenologia das neuroses traumáticas, transferências, impulsos suicidas e somatizações, que são governados pela compulsão à repetição; destaca em “Além do Princípio do Prazer-Dor” (1920) a presença silenciosa dos impulsos de morte e o conflito básico entre essas forças tanáticas, que tendem a levar energeticamente o aparelho mental para níveis zero (princípio da entropia), e os impulsos de Eros, que geram mudanças significativas a favor da vida real. A luta inerente entre destrutividade e criatividade em cada um de nós surge como um divisor de águas no mundo psicanalítico; segue-se um grupo de textos escritos por Freud sobre transtornos psicóticos nos anos de 1924-1925 [“Neurose e Psicose”, “A Perda de Realidade em Neuroses e em Psicoses” e “Negação”], os quais constituem um reforço de suporte conceitual teórico dentro da abordagem conceitual freudiana para o que está sucintamente exposto até agora.

A ansiedade de aniquilamento ou angústia de morte, descrita por Melanie Klein, pode ser correlacionada ao conceito de angústia traumática relatada por Sigmund Freud. As propostas teóricas e clínicas de Melanie Klein expressam-se basicamente através de suas descrições atinentes ao estudo das constelações mentais relacionadas às posições esquizo-paranoide e depressiva.

O modelo kleiniano clássico sofrerá modificações propostas por Wilfred Bion, o qual dará ênfase ao estudo dos distúrbios de pensamento gerados por fracassos na capacidade de pensar as angústias relacionadas a terrores talâmicos; a possível tradução dessa camada terrorífica em significados assimiláveis caberá ao continente primário, também denominado seio psicossomático, fonte de compreensão e nutrição mental.

De um modo breve, ao ser tomado por angústia de aniquilamento, instalar-se-á forte ameaça à própria existência; no eventual fracasso do grupo defensivo anti-psicótico surgirá um crescendo de ameaças de morte, com a instalação de fenômenos desencadeados por terror-sem-nome: violências e automatismos

somato-psíquicos de linguagem protomental, confusões mentais acompanhadas de graus crescentes de bloqueios e paralisação mental. Os fenômenos de pânico e de acting-out, como linguagem de ação contagiante e quase desprovida de pensamento [folie-à-2, 3, 4...n-1], constituem matéria prima de surtos amenciais/demenciais, e podem ganhar expressão numa cadeia epidêmica que oscila e se espalha pelos níveis individual à pequeno grupo à massa grupal; essas erupções estão profundamente ligadas ao funcionamento dessas camadas da mente primitiva ou protomente.

II – CONTINENTE COM RÊVERIE

Há pensamentos primitivos nômades que procuram acolhimento dentro de condições emocionais que permitam sua maturação e elaboração. Uma boa parte de atuações, que por si só constituem indicadores de traumatismos mentais, expressam configurações de vazamentos e evasões que resistem às medidas educacionais, à contenção moral, às ameaças de exclusão política e às punições carcerárias.

Um tanto esperançosamente, Bion considera os acting-out como configurações de semântica primitiva em busca de significados que satisfaçam compreensão, permitindo fechamento de gestalt.

A cesura de nascimento expõe o “bebê humano” a vivências de fragilidade e extremo desamparo, inscrevendo-nos na conjunção constante de solidão e dependência, vida afora. O continente primário é convocado a dar conta de detoxicar angústias de aniquilamento e também prover cuidados nutritivos que garantam possível viabilidade e crescimento do que está para nascer em cada um de nós; uma vez que não nascemos completamente através do parto obstétrico.

Os encontros de satisfação podem permitir a introjeção de experiências emocionais relacionadas ao aprender da experiência, o sentimento de gratidão possibilitará o enraizamento das representações do continente primário materno em nosso mundo interno.

Em “O Trabalho-de-Sonho-Alfa do Psicanalista na Sessão: Intuição – Atenção – Interpretação”, apresentado pelo autor no XVII Congresso Brasileiro de Psicanálise [1999], o leitor encontrará elementos metodológicos atinentes às questões clínicas relacionadas à aprendizagem da experiência emocional pela parceria analítica no desenrolar da sessão.

Há um grupo de fatores de conjunção e disjunção a serem discriminados nas transformações da parceria primária; na experiência clínica, podemos estudá-los com detalhes, colocando em evidência tanto os vetores que propiciam criatividade e fertilidade da dupla analítica quanto as forças que mobilizam destrutividade e esterilidade da parceria. As funções de rêverie relacionam-se de modo visceral com essa dupla vertente da comunicação humana.

As relações de continente-contido com transformações em Psicanálise poderão ser examinadas à luz dos vértices científico, estético e mítico-religioso. Indico ainda aos interessados em aprofundar o tema de “Trauma Psíquico” os textos “Eros, Tecelão de Mitos” [1997] e “Fatores de conjunção e disjunção na relação de casal fértil e criativo” [2004], escritos por Junqueira Filho, L.C.U. e Sapienza, A.

III – SUPER EGO ASSASSINO DO EGO

Os desencontros de base guardam intensa conexão com um fator de natureza psicotizante e que mereceu o nome de Super-Id por suas características automáticas e extremamente anti-vinculares: “capacidade de tudo julgar, tudo condenar e nada compreender”.

Um fator preponderante na manutenção do estado de terror provém da violência de superego assassino do ego, encravado nas entranhas de nossos traumas ou ferimentos de base; sua gênese traz as marcas do desastre primitivo mental ligado ao desencontro entre bebê e continente primário.

Numa análise relativamente bem sucedida a sinalização desse desastre primitivo está dispersa e aos poucos será gradativamente inte-

grada na paisagem geológica de nossas camadas arqueológicas de ruínas mentais. Trata-se de uma tríade formada por arrogância, estupidez e curiosidade sem limites.

Essa tríade manifesta-se através de um objeto interno bizarro, mescla de Esfinge e Tirésias, com forte predomínio de inveja e voracidade, emoções primitivas que potencializam desconsideração por verdade e ódio por vida. Os ataques às fontes de revitalização mental são desferidos por esse estranho YETI [Abominável Homem das Neves], onipresente nos chamados "sonhos de devastação psicótica", em que ataques virulentos e onipotentes são disparados contra a mente sob o comando deste predador internalizado. Na medida em que o colapso mental é reativado no atendimento analítico, caberá ao analista sobreviver aos ataques mentais desfechados pelo analisando e ainda colaborar em desmanchar na medida do possível o caráter delinqüencial dos convites emanados dessa perversa e tragicamente cruel constelação objectal.

Frances Tustin apresenta-nos valiosa abordagem clínica de estados autistas em personalidades neuróticas e nos mostra como e onde se organizam estados esquizóides. Leia com atenção seus interessantes modelos de conchas e muralha autista a ocultar tumba uterina, contendo lutos congelados e depressões mutiladas. A abertura dessa caverna poderá ser mobilizada por algumas experiências emocionais intensas: dor mental extraordinária; contato com forte experiência estética acompanhada de "ecstasy" [deslumbramento]; prazer insuportável, acompanhado ou não de terror talâmico.

Certos impactos e acasos da vida determinam ruptura das paredes protetoras dessa tumba e serão exemplificados logo mais em IV – "Notas sobre Observações Clínicas", com aparecimento brusco de externalização desses conteúdos arcaicos [alucinações e delírios]; algumas procuras de atendimento emergencial psicológico e psiquiátrico ocorrem em turbulências emocionais dessa natureza: o medo da loucura pode irradiar-se de um indivíduo para o grupo de que faz parte.

O profissional defrontar-se-á junto a seu paciente com temores de mudança catastrófica*. Sua atividade visará atender ao paciente e colaborar com seu equipamento clínico bem como com os recursos e talentos do paciente a fim de transformar essas ameaças em mudança criativa. Espera-se que o analista tenha experiências derivadas de sua análise pessoal e de background vivencial em conseguir lidar com o que Bion denomina transformações em O, processos que permitem à pessoa vir-a-ser quem a pessoa realmente é, ou seja, poder voltar a casar-se consigo mesma ["at-one-ment"].

O grau de devastação da personalidade nas camadas arqueológicas de ruínas encontra modelo similar nos acidentes ecológicos provocados pelos recentes maremotos ["tsunami"] que atingiram as costas da Indonésia e Índia,

em janeiro de 2005, provocando destruições de cidades e extensa mortandade humana. Thomas S. Elliot apresenta-nos magnífico modelo literário-poético dessas paisagens através de sua obra "Terra Devastada".

IV – NOTAS SOBRE CLÍNICA PSICANALÍTICA

Exponho alguns fragmentos de observação ligada a fatos do cotidiano, convidando-os a estabelecer possível correlação reflexiva com o que vem a ser um desafio para o psicanalista na sua prática clínica cotidiana.

1 – Como se passam específicos jogos de sedução narcísica?

O medo da loucura e estilhaçamento mental vinha sendo afastados por jogos de natureza alucinósica e êxitos compensatórios do tipo "Don Juan", em face de jogos com ninfetas e conquistas relâmpagos. Até se deparar com uma insinuante mulher, que simula ser Frida Kahlo, com a qual de início faz o jogo do homem sedutor fascinado e simula desconhecer que não é Diego Rivera.

Confessa que quando mais jovem sentiu-se atraído por desempenhar tal jogo fantástico e que particularmente isso já lhe ocorrera em imaginação ao assistir ao filme "O Anjo Azul", quando a atriz "Marlene Dietrich" buscava escravizar sexualmente um de seus amigos, um idoso professor de Linguística.

Atualmente, passa a sofrer noites de insônia e, "apaixonado", não consegue trabalhar e sofre crises de ciúmes patológico que o colocam em desespero sufocante, com idéias assassinas e suicidas permanentes. Será que um atendimento psicoterápico poderá ajudá-lo a resolver essa crise afetiva? A guerra sexual foi se instalando suavemente com todo o seu aparato de violência destrutiva, oferecendo-lhe variadas tentações para escapar de experimentar e "sofrer" dor mental.

Uma pergunta pertinente: Será que o desenvolvimento de capacidade negativa** pelo paciente permitirá que passe a suportar vazio e ausência, conseguindo desfazer manobras de colagem adesiva e adição?

2 – Jogos de tentadoras propagandas captam notável artista, colocando-o junto a um abismo.

Coberto de fama, status e glória alcançou sucesso até chegar aos quarenta anos de idade; passo a passo, iniciou um declínio, atraído pelo desenvolvimento de uma carreira de magistral bonvivante. Envaidecido, tornou-se um marionete em vitrinas multicoloridas, perdendo paulatinamente sua proficiência profissional; passou a buscar refúgio em viagens, rápidas conquistas amorosas e inebriamento não somente com drogas. Desorientado e deprimido, está assustado com seu destino e solidão; cansou-se dos falsos amigos da boemia; não encontra seu chão. Haverá tempo para reencon-

trar-se e restaurar sua vida?

3 – Conluíus, cumplicidades e resistências psicóticas.

Num mundo tomado pela pressa, é sempre bom lembrar que o atendimento psicoterápico requer tempo e muita paciência tanto do terapeuta quanto do paciente; nossa atividade é de natureza artesanal e específica para a parceria na sala de análise.

O desarme de bombas relógios encravadas na não-consciência põe à mostra resistências psicóticas, que se apresentam em mapas mentais cuidadosamente traçados por psicanalistas de diferentes escolas como: bastião inacessível [Willy e Madeleine Baranger em "Problemas do Campo Psicanalítico" – 1969 – Ed. Klagierman – B. Aires]; enclaves [Edna O'Shaughnessy em "A clinical study of a defensive organization" – 1981- Int. J. Psycho. 62: 359-69] e refúgios psíquicos [John Steiner em "Psychic Retreats" – 1993 – London - Routledge].

Hanna Segal propõe o modelo de cistos indiferenciados ["Mecanismos esquizóides subjacentes às fobias" – 1981 – "Obras Completas"], contendo "imbróglis, confusões e chavões" perigosamente encapsulados no inconsciente, subjacentes à argamassa fóbica-obsessiva.

O romance "O Amor" do escritor italiano Dino Buzzati revela nuances do desabamento de um "freguês" que acredita comprar a alma de uma prostituta e que na euforia comporta-se como absoluto senhor dominante dessa mulher, até quem sabe acordar...

4 – Como suportar o vazio para explorar espaços desconhecidos?

Os requisitos básicos terão os seguintes ingredientes humanos: compaixão madura associada a respeito por verdade e a capacidade negativa **.As condições de responsabilidade pertencem ao self que goze de liberdade nas relações prevalentes de objetos totais, com renúncia voluntária ao exercício de manobras de controle onipotente; não há receituário pronto tipo prêt-à-porter quais leituras simplificadoras de livros de auto-ajuda e cursinhos rápidos de terapia a jato, para restituir as garantias de onipotência e onisciência ilusórias.

O paciente inicia uma sessão dizendo que acordou extremamente aflito com um "sonho" em que uma estranha figura violenta, voraz e gigantesca, dotada de traços monstruosos, semelhante ao Abominável Homem das Neves, tentava arrombar a porta do seu quarto de dormir. Não conseguiu voltar a descansar e não via a hora de encontrar o analista. O comentário do terapeuta foi o seguinte "agora, você pode continuar a sonhar, pois está acompanhado por mim!"

BIBLIOGRAFIA

- Baranger, Madeleine e Willy
"Problemas do Campo Psicanalítico" –Ed. Klagierman – Buenos Aires [1969].

- Bion, Wilfred R.

"Attacks on Linking" [1959] – in "Second Thoughts" [1967].

"Catastrophic Change" [1966] – in "Attention and Interpretation" [1970].

"Seminari Italiani" – Ed. Borla – Roma - [julho/1977].

- Freud, Sigmund

"Além do Princípio do Prazer" [1920] – SE XVIII.

"Neurose e Psicose" [1924] – SE XIX.

"Perda da Realidade na Neurose e na Psicose" [1924] – SE XIX.

"Negação" [1925] – SE XIX.

- Klein, Melanie

"Natureza dos Mecanismos Esquizóides" [1946] – Vol. III – Obras Completas.

- O'Shaughnessy, Edna –

"A clinical study of a defensive organization" – [1981]- Int. J. Psycho. 62: 359-69.

- Sapienza, Antonio –

"A Tempestade: Mudança Catastrófica" - p. 156 in "Perturbador Mundo Novo" – SBPSP – [1992] – Ed. Escuta – São Paulo.

- Sapienza, Antonio e Junqueira Filho, Luiz C. Uchôa

"Eros, Tecelão de Mitos" [1997] in "Transformações e Invariâncias" [2000] –SBPSP

"Fatores de conjugação na relação de casal fértil e criativo" [Encontro Bion-São Paulo-2004].

- Segal, Hanna

"Mecanismos esquizóides subjacentes às fobias" [1981] – Obras Completas.

- Tustin, Frances

"Estados Autistas em Pacientes Neuróticos" [1985].

"Tyger! Tyger! burning bright
In the forests of the night,
What immortal hand or eye
Dare frame thy fearful symmetry?"

"The Tyger" – Songs of Experience.
William Blake

"Tigre! Tigre! brilho ardente
Nas florestas da noite,
Que mão ou olho imortal
Ousa moldar tua terrível simetria?"

"O Tigre" – Canções de Experiência
William Blake

* Mudança Catastrófica – "Parece que o ser humano está dotado de equipamento que o possibilita aprender o avizinhar-se de uma eclosão de cataclismo emocional, com os concomitantes temores de enlouquecimento, despedaçamento da própria personalidade, medo da megalomania, intensa dor mental."

Antonio Sapienza em "A Tempestade: Mudança Catastrófica".

** Capacidade Negativa – "Não tive uma disputa, mas uma conversa com Dilke, sobre vários assuntos: muitas coisas se entrelaçaram em minha mente, e logo me ocorreu que qualidade é necessária para formar o Homem de Êxito, especialmente em Literatura, e que Shakespeare possui tão largamente – quero dizer a **Capacidade Negativa**, isto é, quando um homem é capaz de permanecer em incertezas, mistérios, dúvidas, sem qualquer tentativa irritável de alcançar fato e razão".

Carta do poeta inglês John Keats a seus irmãos George e Thomas Keats, 21 de dezembro de 1817. Epígrafe de "Prelúdio ou Substituto ao Êxito" - Bion, W.R - Capítulo 13 de "Atenção e Interpretação" [1970], Imago Ed. Ltda, Rio de Janeiro, 1973.

* ME e Didata da SBPSP

Primeiros Passos

Maria Cristina Borja Gondim*



Maria Cristina Gondim

não raro, pode ser cumprida em dois anos. Nossos quatro a seis anos, com análise quatro vezes por semana, são um balde de água fria no entusiasmo dos que gostariam de ser analistas abraçando outra perspectiva teórica. Este misto de desejo e frustração gera os correspondentes respeito e repulsa.

Os contatos que fiz com os alunos na universidade, revelaram-me que alguns autores, além de Freud e Lacan, eram conhecidos apenas pelo nome e outros, como Kohut, sequer haviam ouvido falar. As pessoas se mostraram interessadas em saber que existem diferentes perspectivas; outras formas de encarar e lidar clinicamente com o fenômeno mental, dentro do campo psicanalítico.

Conversando sobre esta situação com Gari, Pedro Gomes e Adalberto Goulart durante o Congresso Brasileiro de Psiquiatria em outubro de 2004, surgiu a idéia da ABP realizar um evento em Salvador, cujo objetivo geral fosse apresentar um panorama de abordagens, deixando bastante claro que estas diferenças estavam firmemente ancoradas na prática clínica dos autores. Espelhando esta proposta, surgiu o título: "Perspectivas teóricas em psicanálise: correlações com a prática clínica".

A programação foi inicialmente articulada com Luiz Tenório Oliveira Lima e Maria Helena de Souza Fontes, analistas baianos, membros da SBPSP e residentes em São Paulo. As idéias foram apresentadas e acolhidas por toda a diretoria da ABP e pelos demais participantes. Finalmente, o programa constou da conferência de abertura em setembro, realizada pelo presidente da ABP, Carlos Gari Faria, que abordou a relação analista-analisando apresentando a evolução do conceito de transferência. Seguiu-se um coquetel de confraternização que, além do clima amistoso e cordial, era decorado por uma linda noite de lua cheia, com direito a cartão postal: farol da

Barra e parte da cidade de Salvador iluminados, vista privilegiada do terraço do Hotel Blue Tree Towers, onde foi realizado o evento.

Tenório abriu as atividades (17/09), focalizando o percurso do pensamento psicanalítico de Freud às teorias das relações de objeto, tomando como fio condutor o texto Luto e Melancolia (1915). Na sequência, houve a apresentação de uma sessão de psicanálise por Maria Helena Fontes, comentada por ela própria, Pedro Gomes e Gari. As atividades da tarde foram iniciadas com uma conversa com Dr. Oswaldo Di Loreto (Faculdade de Medicina da USP), que abriu espaço em sua carregada agenda para estar conosco¹.

Posteriormente, dividimo-nos em seis grupos, com dois² psicanalistas membros da ABP como coordenadores de cada um deles, para discutirmos o material clínico e as questões surgidas da sua relação com as apresentações. Para compor esses grupos procurei, sempre que possível, mesclar homens e mulheres, nordeste e sul, de modo a garantir que também pudéssemos nos surpreender numa conversa com um colega de uma "cultura" societária diferente da nossa.

O clima de satisfação após as discussões nos grupos foi tão unânime que Claudio Rossi fez o fechamento do encontro, fazendo um balanço que acentuava a diversidade não como obstáculo, mas como possibilidade de convivermos e construirmos a partir do embate de idéias pertencentes aos diferentes vértices.

Sendo a única analista da ABP residente em Salvador é claro que fui "eleita" para ser a coordenadora deste encontro. Como todos sabem que uma andorinha só não faz verão, contei com a ajuda de muitos. Posso dizer que este evento só foi possível graças à solidariedade de amigos, colegas e ex-alunos. Como marinho de primeira viagem que sou, estaria bem perdida se não fosse o respaldo de Pedro Gomes e a experiência que Telma Barros (SPR) e

Adalberto Goulart (SPR/NPA) puseram à minha disposição respondendo com presteza a meus inúmeros e-mails e telefonemas.

Ao realizarmos o primeiro evento da ABP em Salvador, fizemos história. Demos um passo, plantamos uma semente, que também foi acolhida pela sociedade baiana, expresso na aceitação do convite para participação na abertura do evento pelos representantes da Secretaria Municipal da Saúde, Conselho Regional de Medicina, Conselho Regional de Psicologia, Espaço Psicanalítico da Bahia, Espaço Möebius, Colégio Psicanalítico da Bahia, Escola Brasileira de Psicanálise, Campo Psicanalítico de Salvador, Faculdade de Medicina da UFBA, e pelos Coordenadores e Diretores dos cursos de Psicologia da Faculdade Ruy Barbosa, FTC, Bahiana, Jorge Amado e UNIFACS.

Das pessoas da área que tenho encontrado – participantes do evento ou não – tenho ouvido referências favoráveis e elogiosas sobre as atividades que desenvolvemos. Ao final de suas considerações, frequentemente também me colocam a responsabilidade de "começar tudo outra vez". Claudio Rossi tinha razão. Paira no ar, um clamor de até 2006.

* ME da SBPSP e do NPA

¹ A prática profissional de Di Loreto se dá no âmbito do atendimento psicanalítico de crianças, área na qual é um pioneiro. Por isso, influenciou a formação de grande número de psicanalistas de crianças. Ainda hoje cruza o Brasil para dividir conosco a riqueza de seus 50 anos de experiência clínica. Durante o coquetel ele autografou o livro "Origem e modo de construção das moléstias da mente: a psicopatogênese que pode estar contida nas relações familiares". São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

² As duplas foram: Maria Helena Fontes (SBPSP) e Fernando Santana (SPR); Claudio Rossi (SBPSP) e Pedro Gomes (SBPRJ); Regina Mota (SPB) e Luiz Tenório Lima (SBPSP); Eliana Helsinger (SBPRJ) e Adalberto Goulart (SPR/NPA); Telma Barros (SPR) e Carlos Gari Faria (SPPA); Cristina Gondim (SBPSP/NPA) e Oswaldo Di Loreto (Medicina USP).

B

Baiana de nascimento, fiz minha formação universitária na PUC/SP em psicologia e psicanálise na SBPSP, em São Paulo. Quando em 2003 resolvi me mudar para Salvador, procurei me informar sobre a situação profissional na cidade. Constatei, então, um fato curioso: a quase totalidade dos analistas e da psicanálise aí difundida, era de orientação lacaniana.

Neste sentido, em Salvador, a psicanálise responde por nome do pai, real, simbólico.... Procurando investigar tal peculiaridade, o que se delineou com mais clareza, foi ter esta forte influência do pensamento de Lacan se iniciado com a chegada de Emílio Rodrigué e de outros argentinos à cidade.

Como não poderia deixar de ser, deparei-me com um fenômeno que se repete em outros lugares: todo mundo é psicanalista. Tal universalização do termo deve-se, também, à proliferação de cursos que prometem "formar psicanalistas" com exigua carga horária, que,

Notícias & Programação

Núcleo de Psicanálise de Marília d Região

O Núcleo de Psicanálise de Marília e Região continua com projetos que visam a divulgação da psicanálise para comunidade, como promoção de eventos científicos para seus membros, agregados e alunos do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica. No início do mês, tivemos a projeção do filme: "Um Filme Falado", do comentado diretor português Manoel de Oliveira. Tivemos comentários de Eduardo Ismael Murguía, prof. Dr. História da Cultura, do Depto. de Ciências da Inf.

da UNESP, de Marília e Helena Soares Figueiredo, candidata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Temos também procurado fazer as retransmissões do Ciclo de Aulas Preparatórias para o XX CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE. Nesse mês assistimos: PROBLEMATIZAÇÕES E IMPLICAÇÕES PSICANALÍTICAS – Alan Victor Meyer e SOBRE IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA – Ana Maria Andrade de Azevedo promovido pela Diretoria

Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

A parte científica está ainda bastante ativa com os Grupos de Estudos dos membros e Grupo de Estudos com os Agregados.

Recebemos a visita da Sra. Nilde Jacob Parada Franch que ministrou a sexta aula do curso sobre TÉCNICA PSICANALÍTICA que faz parte da programação de Educação Continuada. Esse curso é oferecido às pessoas que já passaram pelos cursos de Especialização e tem interesse em continuar seus estudos. Contamos com vinte e sete alunos, com

encontros mensais. É coordenado pelos membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo:

- Abril e maio: Liana Pinto Chaves;
- Junho, julho e agosto: Haroldo Pedreira;
- Setembro, outubro e novembro: Nilde Jacob Parada Franch.

As aulas estão sendo realizadas no quarto sábado de cada mês, com aulas teóricas, na parte da manhã e seminário clínico, na parte da tarde. Sem mais, despedimos, enviando-lhe nosso abraço e votos de realizações em seus trabalhos.

NPBH NÚCLEO PSICANALÍTICO DE BELO HORIZONTE

O NPBH promoveu, nos dias 21 e 22 de outubro, o segundo evento "Psicanálise em transformação", com o tema Adolescência. O encontro aconteceu no Auditório da Fundação João Pinheiro, em Belo Horizonte. A abertura foi coordenada pela presidente Gisele de Mattos Brito e foram estudados os temas "Adolescência e família na contemporaneidade", "A família e o adolescente: encontros e desencontros", "Transtornos alimentares na adolescência", "O adolescente em seu meio", "Solidão e desamparo na ado-

lescência" e "Lidando com adolescentes no século XXI". Como conferencistas, apresentaram-se os colegas José Ottoni Outeiral (SPPel), Eliane de Andrade (SPRJ/NPBH), Marília Macedo Botinha (SPRJ/NPBH), Rossana Nicoliello Pinho (SPRJ/NPBH), José Iancarelli Filho (SPRJ), Paula Linhares de Andrade (SPRJ/NPBH), Rosália Lage Martins Bicalho (SPRJ/NPBH), Vera Márcia Ramos (SPRJ), Alceu Casseb (SBPSP), Ana Maria Stucchi Vannucchi (SBPSP) e Maria Cecília Pereira da Silva (SBPSP).

Núcleo Psicanalítico Campinas e Região

No dia 21 de setembro de 1985, um grupo de colegas de Campinas, que já vinha se reunindo há dez anos para o estudo de filosofia formalizou o **Grupo de Psicanálise de Campinas**, com o objetivo de discutir e estudar Psicanálise da criança e do adolescente. Na abertura do livro de atas, entre outras considerações, eles registraram: "Por que começar com crianças e adolescentes? Pela criança que ainda vive no grande corpo do chamado 'adulto'. Pela necessidade de voltar às origens. Pela curiosidade na gênese dos processos mentais..."

Este é o Grupo que deu origem ao que é hoje o **Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região**.

Passados vinte anos da criação deste Grupo, o **NPCR** realizou no dia 24 de setembro de 2005 sua "I Jornada de psicanálise da criança e do adolescente" com um duplo objetivo: homenagear aqueles que plantaram as sementes do Núcleo e oferecer aos colegas da região um fórum de discussão e crescimento científico em uma área tão importante e específica da Psicanálise. Inauguramos assim um espaço local para o estudo e

aprofundamento da Psicanálise da Infância e da Adolescência. Para tanto, convidamos para este evento as duas primeiras supervisoras daquele Grupo, Myrna Pia Favilli e Neyla Regina de Ávila Ferreira França, da SBPSP; uma de suas integrantes, Alicia Beatriz Dorado de Lisondo (SBPSP) e a psicanalista de crianças Mércia Maranhão Fagundes, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.

O evento ocorreu na Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas e a abertura foi presidida por Nelson José Nazaré Rocha (SBPSP/NPCR) e Vera Lúcia Colussi Lamanno Adamo (SBPSP/NPCR). Foram realizadas quatro conferências: "Adolescência e psicanálise nos dias de hoje" (Neyla Regina de Ávila Ferreira França, SBPSP), "O agir criativo: o adolescente que se faz adulto" (Myrna Pia Favilli, SBPSP), "Psicanálise de crianças. Um panorama clínico" (Mércia Maranhão Fagundes, SBPRP), e "Adolescentes: atelier privilegiado da psicanálise contemporânea" (Alicia Beatriz Dorado de Lisondo, SBPSP).



"Com sua lucidez habitual, Foucault sustenta que a Psicanálise não é uma ciência humana entre outras, mas que se expande animando a inteira superfície delas com seu método, com sua interpretação. Porém, qual a essência desse método interpretativo? Em nossa opinião a ruptura de campo" (Fabio Herrmann).

O CETEC realizou, de 23 a 25 de setembro, no Teatro da Faculdade de Medicina da USP, o "IV Encontro psicanalítico da teoria dos campos", com o tema "Ruptura de campo - crítica e clínica". Em cinco mesas foram distribuídos os seguintes temas: "Freud e o pensamento por ruptura de campo" (Fabio Herrmann e

Sandra Schaffa), debatedores: Ana Maria Loffredo, Bernardo Tanis, Cecília Maria de Brito Orsini, Fernanda Colonnese, Mara Cristina Souza de Lucia, Maria Lúcia de Oliveira, coordenadora: Marion Minerbo;

"Ruptura de campo em questão: Klein, Winnicott" (Claudio Rossi e Luís Claudio Figueiredo), debatedores: Belinda Mandelbaum, Cintia Buschinelli, Liana Pinto Chaves, Marion Minerbo, Rogério Coelho de Souza, Silvia Maia Bracco, coordenadora: Leda Maria Codeço Barone;

"O impacto da ruptura de campo sobre a psicanálise: inconsciente, transferência e a noção de eu" (Leda Herrmann, Maria da

Penha Lanzoni, Camila Pedral Sampaio), debatedores: Alan Victor Meyer, Ana Cristina Spindola, Fabrício Santos Neves, Rosemary Bulgarão, Rubia Mara do Nascimento Zecchin, coordenadora: Luciana Saddi;

"A ruptura de campo na intimidade da clínica" (Magda Guimarães Khouri e Sandra Regina Moreira de Souza Freitas, debatedores: Alice Paes de Barros Arruda,

Gislainne Magalhães de Sá, Maria Cecília Pereira da Silva, Raquel Spaziani da Silva, Silvia Salles de Godoy, Vânia Ghirello Garcia, coordenadora: Ana Cristina Cintra Camargo;

"A arte da interpretação" (Fabio Herrmann e Marilsa Taffarel), debatedores: Camila Salles Gonçalves, Maria Lúcia Romero, Mônica Amaral, Osmar Luvison Pinto, Sonia Terepins, Suzete Capobianco, coordenador: João Frayze-Pereira.



A SBPSP realizou no dia 24 de setembro a Jornada Psicanalítica "Pais em nosso tempo", em sua sede.

Os temas da programação foram "Desenvolvimento emocional dos filhos: um dever? um privilégio?" (Maria Lúcia Ferrão de Souza Campos psicanalista - SBPSP), "Pais

na família contemporânea: proteção e autonomia" (Maria Amália Vittale - terapeuta de família), "Sistemas familiares: a separação em diversos contextos" (Ada Pellegrini Lemos - terapeuta de família), "Adolescência continua a mesma? E os pais?" (Ana Maria Brias Silveira, SBPSP).

Núcleo Psicanalítico de Goiânia

No mês de setembro o NPG realizou duas reuniões administrativas cujo objetivo principal foi avaliação da V Jornada do NPG, que ocorreu nos dias 26 e 27 de agosto e teve como tema: "Poder, Violência e Contemporaneidade". A V Jornada foi considerada um momento ímpar para troca de experiências entre colegas e de informação para as pessoas com atividades afins. Ficamos gratos a todos que nos prestigiaram e o nosso desejo é oferecer novas oportu-

nidades à nossa comunidade interessada e tão participativa.

No dia 17 de setembro, recebemos a Psicanalista da SBPSP Sra. Tereza Rocha L. Haudenschild, que fez uma palestra com o título: "O primeiro olhar". O evento foi aberto à comunidade, que teve uma participação ativa com questionamentos e reflexões.

Agradecemos à palestrante e aguardamos futuros encontros, que certamente serão tão enriquecedores quanto este.



Inês Mendonça (Presidente do NPM).

O curso de psicoterapia continua dando início aos textos/seminários sobre técnica, apresentação de trabalhos e seminários clínicos. O CAP (Centro de atendimento em psicoterapia) mantém-se e continua à disposição da sociedade carente alagoana. As primeiras entrevistas para seleção da primeira turma de formação psicanalítica do NPM foram realizadas pelos Drs. Adalberto Goulart e Telma Barros.

Dr. Fernando Santana Barros continua ministrando o curso sobre "A teoria dos cam-

pos" no primeiro sábado de cada mês, e em agosto o Dr. Ícaro Pacheco Alves de Oliveira (SBPRJ) iniciou um curso sobre as obras de Bion, no terceiro sábado de cada mês.

O NPM lembra que no último sábado de cada mês desenvolve a atividade "Psicanálise e Cinema" e na primeira terça-feira de cada mês atividades científicas com várias programações de interfaces.

Núcleo Psicanalítico de Natal



Eduardo Afonso Jr. (Presidente do NPN)

De acordo com nossos estatutos e em consonância com a ABP, (da qual somos filiados desde 1997) quando fomos aceitos em reunião de delegados, na gestão de David Azoubel, e acolhidos pela SPR, como nossa patrocinadora, após reunião prévia com a Diretoria e seu Instituto, tendo à frente como Presidente o colega José Fernando de Santana Barros e como Diretora do Instituto a colega Maria Eunice Marinho, realizamos Jornadas locais, vencendo todas as adversidades que um empreendimento desta ordem exige sempre com a participação de todas as Diretorias da ABP que se seguiram à do colega Azoubel: Plínio Montagna, Wilson Amendoeira, José Fernando de Santana Barros e Carlos Gari Faria (desde quando éramos apenas um grupo que estudava psicoterapia analítica), fase de consolidação do início da formação em Natal.

Tudo sempre ocorrido em consonância íntima e fraterna com todas as diretorias da SPR

(José Fernando de Santana Barros, Antonio Carlos Escobar, Telma Barros Cavalcanti). Na gestão de Telma Barros, a diretoria do Instituto, tendo à frente o colega Antonio Carlos Escobar, estabeleceu a vinda de um representante do Instituto junto ao Núcleo, a colega Magda Passos, para tratar de otimizar, ainda mais, os programas teóricos, como também, junto às diretorias da SPR e do Instituto completarem as funções didáticas dadas aos colegas para que todos os responsáveis pelo NPN pudessem desempenhar com plenitude as atividades necessárias ao desenvolvimento do Núcleo.

Através de seus membros e analistas em formação, o NPN tem realizado atividades junto à comunidade local, como o Fórum de Debates e o Curso de Introdução à Psicoterapia de Orientação Psicanalítica. Estamos iniciando a organização da Clínica Social "virtual" que tem como objetivo oferecer tratamento psicanalítico de qualidade, além de criar condições propícias aos colegas analistas em formação para realizarem suas supervisões oficiais. São tantos os colegas das várias sociedades brasileiras que têm contribuído com o Núcleo Psicanalítico de Natal que poderíamos cometer risco de esquecimentos. Dirigimos, portanto, nossos agradecimentos aos colegas Carlos Gari Faria e Alirio Dantas Jr., respectivamente presidente da ABP e da SPR e à colega Maria Eunice Campos Marinho, diretora do Instituto de Formação de Psicanalistas da SPR. O Núcleo Psicanalítico de Natal está, no momento, empenhado em dar continuidade à formação da sua primeira turma de Psicanalistas.

vazio", onde podemos contar com conferencistas, tais como, a Dra. Edna Vilete, da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e da Dra. Alícia Beatriz Dorado de Lisondo, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Estamos trabalhando na semana do NIA, na SBPdePA, período onde os seminários curriculares são suspensos por uma semana, possibilitando aos candidatos e membros da Sociedade voltarem-se ao estudo da psicanálise da infância e adolescência.

Esta III Semana do NIA, cujo título é "Jornada Susana Lustig de Ferrer", acontecerá em outubro.

De 14 a 17 de setembro de 2005, aconteceu o primeiro encontro de intercâmbio interregional promovido pela FEPAL. Este evento teve espaço junto a VII Jornada do departamento de crianças e adolescentes da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA), cujo título é "Marcas de Época en el Psicoanálisis de Niños e Adolescentes".

As atividades acontecerão na APA e na APdeBA e contarão com um representante de cada uma das três sub-regiões que compõem a FEPAL, sendo que a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre foi convidada, através do Núcleo de Infância e Adolescência (NIA) a participar como representante pela região centro.

Sendo assim, a Dra. Ana Rosa Chait Trachtenberg, representará nossa Sociedade nesta atividade, que inaugura o espaço de troca, entre as várias sociedades componentes da FEPAL.

Associação de Candidatos

No dia 08 de junho de 2005 foi eleita a nova diretoria da Associação de Candidatos da SBPdePA para o biênio 2005-2006, sendo assim constituída:

Presidente: Ane Marlise Port Rodrigues

Vice-Presidente: Léia Maria Silva Klöchner

Secretária: Sílvia Brandão Skowronsky

Tesoureira: Rosalda Iturbide Puiatti

Conselho de Representantes:

1º ano: Dra. Adriana Ampessan

2º ano: Dra. Maria Tereza Corrêa Borba

3º ano: Dra. Heloísa Zimmermann

4º ano: Dr. Ariel Roitman

Egressos: Dra. Carmen Lúcia Machado Moussalle

Além de reuniões sistemáticas e da preparação de um Fórum de Debates sobre a formação analítica para outubro/2005, a Associação está organizando sua participação, através da colega Léia M. S. Klöchner, na mesa sobre Avaliação de Clínicas Sociais, a convite da Associação Brasileira de Candidatos, durante o Congresso Brasileiro, em Brasília. Também vem se instituindo um espaço de reuniões entre a Diretoria do Instituto e os candidatos, bem como, os contatos com a ABC e com a IPSO.

COMISSÃO CIENTÍFICA:

Será lançado o terceiro livro que reúne as palestras do ciclo: "A brasileira na cultura" cuja edição 2005 intitulou-se "Pensando a violência com Freud".

Essa publicação contemplará os temas abordados durante o ciclo do mesmo nome por psicanalistas de nossa instituição e estudiosos das mais variadas áreas do conhecimento.

O evento ocorrerá no dia 29 de novembro de 2005, às 21h30min, no Auditório da Livraria Cultura - Shopping Bourbon Country - local em que aconteceram todos os encontros do ciclo, sempre na última terça-feira do mês, entre abril e novembro do corrente ano.

Contamos com a presença de todos.

Por outro lado, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre já está trabalhando no grande evento de 2006, quando faremos uma homenagem aos 150 anos do nascimento de Sigmund Freud.

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO, RELAÇÕES COM A COMUNIDADE E INFORMÁTICA:

O programa SBPdePA com a Comunidade é composto de atividades voltadas para médicos, psicólogos, psiquiatras, estudantes de medicina e psicologia. São realizadas atividades mensais sob a forma de simpósios e mesas redondas. No mês de outubro o tema foi: "Patologias atuais – do que se trata?". Constam também do programa desenvolvido, grupos de estudo e de supervisão semanais. No momento são sete grupos em funcionamento com um público total de aproximadamente 50 pessoas.



Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre
International Psychoanalytical Association

Núcleo de Infância e Adolescência

O NIA - Núcleo de Infância e Adolescência – foi convidado a apresentar, no 44º IPAC o projeto aprovado pela IPA-DPPT "The spread of childhood and teenage psychoanalysis", no Painele "Resistance to and effective work on the interface", bem como, em duas reuniões para presidentes das sociedades componentes da IPA.

Nesta oportunidade o NIA ao apresentar seu plano de ações de difusão da psicanálise da infância e adolescência encontrou uma

receptividade muito grande entre as sociedades componentes, sendo valorizado o trabalho desenvolvido.

Dentre as atividades do NIA seguem os ciclos: "Do clássico ao contemporâneo em desenhos animados" e "Refletindo sobre maternidade e paternidade", atividades abertas ao público, aos sábados pela manhã.

Voltados a comunidade interna da SBPdePA, bem como, à comunidade psi elegemos como eixo de estudo para o ano de 2005, "A clínica do

Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional

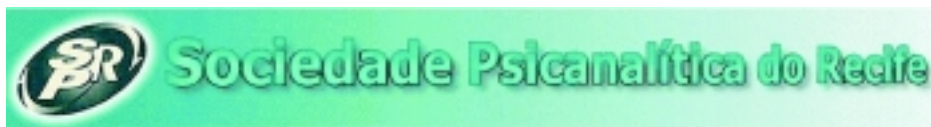
Durante o Primeiro encontro Argentino-Brasileiro de psicanálise de vínculos, realizado no Rio de Janeiro, no dia 26 de julho de 2005, aconteceu o lançamento nacional do livro "Transgeracionalidade - de escravo a herdeiro: um destino entre gerações" (Ed. Casa do Psicólogo, 2005), de autoria das fundadoras do Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional da SBPdePA, aproveitando a presença da Dra. Janine Puget, palestrante neste evento. Dra. Janine Puget, psicanalis-

ta argentina de reconhecimento internacional, foi a responsável pelo prefácio do livro, de onde selecionamos os seguintes trechos: "A preocupação das autoras em investigar profundamente como se transmitem os significados, as culturas e os costumes, e como atuam as identificações inconscientes com situações e personagens familiares ou sociais conhecidos ou não conhecidos, pertencentes a gerações anteriores, leva a um valioso resultado e abre uma série de interro-

gações”, e ainda “sustenta o tema muito bem tratando dos segredos familiares, segredos vergonhosos que reaparecem como violência em outras gerações. O trabalho analítico levou-as a descobrir as múltiplas implicações do reprimido, forcluído em gerações anteriores.

É uma mensagem promissora para os psicanalistas, já que oferece uma via de transformação das heranças malditas”.

Em Porto Alegre o lançamento ocorreu na Livraria Cultura, no dia 11 de agosto de 2005, em concorrida noite de autógrafos.



A Direção Científica está organizando a Jornada comemorativa dos 30 anos da Sociedade Psicanalítica do Recife prevista para o início do próximo ano. O tema do encontro deverá ser a respeito do Desenvolvimento da Psicanálise e contará com a participação de analistas de todos os núcleos afiliados: Aracaju, Fortaleza, Maceió e Natal.

No dia 03 de dezembro será realizado um Simpósio Interno de Psicanálise, onde serão debatidos temas em torno da teoria da clínica – enfocando as novas patologias mentais -, da psicanálise infantil e da clínica social. A intenção é promover a discussão teórica sem perder de vista o aspecto prático do trabalho, aliando conceitos teórico-clínicos calcados na nossa realidade atual e institucional.

No dia 19 de outubro houve uma reunião científica sobre neurocirurgia e psicanálise, apresentada por Késia Ramos, do Instituto da SPR. Também no mês de outubro, houve uma discussão sobre o filme coreano “Old Boy” que trata do incesto, coordenada por Alirio Dantas Júnior.

A Clínica Social está sendo dirigida por Magda Passos, a qual tem realizado reuniões para discussão sobre seu funcionamento e perfil da população atendida.

A Psicanálise em Revista, publicação científica da SPR, voltará a circular no mês de dezembro e tem como editora a colega Ana Cláudia Zuanella e como co-editor o colega Adalberto Goulart.



Reuniões Científicas / 2005 – preparatórias para o Congresso

As reuniões científicas em 2005, realizadas sempre na segunda quarta-feira de cada mês, foram direcionadas ao estudo do tema do XX Congresso Brasileiro, a ser realizado em novembro, em nossa cidade, “Poder, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade”.

Palestra/ Seminário Clínico

Tivemos, em outubro, duas atividades com convidados de outros Estados, os quais estiveram abordando temas relacionados com o Congresso Brasileiro.

14 de outubro: Palestra “Uma leitura psicanalítica sobre o fascínio do poder” (Maria Olympia Azevedo Ferreira França, Membro efetivo e analista didata da SBPSP).

15 de outubro: Seminário clínico: coordenação: Maria Olympia A. F. França (Membro efetivo e analista didata da SBPSP)

28 de outubro: Palestra “Implicações Filosóficas da Teoria das Relações Objetivas” Luiz Cláudio Figueiredo (Psicanalista, Professor da PUC de São Paulo e da USP; autor de “Psicanálise: Elementos para clínica contemporânea” (Escuta, 2003), entre outros livros.

29 de outubro: Seminário clínico: coordenação: Luiz Cláudio Figueiredo.



CONGRESSO BRASILEIRO

Como é do conhecimento de todos, o XX Congresso Brasileiro de Psicanálise será realizado em nossa cidade, no qual uma equipe de colegas (membros e candidatos) tem trabalhado com afinco para fazer a divulgação.

Desejamos mais uma vez convidar os colegas para que estejam conosco nesse importantíssimo evento.

Formação Continuada

O Curso de Formação Continuada do Instituto Virginia Leone Bicudo, da Sociedade de Psicanálise de Brasília - SPB no segundo semestre será ministrado por Maria de Fátima Rebouças

Malva e terá como tema “As idéias de André Green”. Destinado aos candidatos que já concluíram o curso teórico e também aos membros associados da SPB, o curso será realizado semanalmente, às quintas-feiras, (com exceção da primeira quinta-feira de cada mês), de 20h30 às 22h, e teve início no dia 13 de outubro.

Cursos de Extensão

Em 2005 estão sendo realizados dois cursos de extensão, destinados a psicanalistas, psicólogos, médicos e áreas afins:

Grupo de estudos de Freud: realizado sempre na primeira quinta-feira de cada mês, no horário de 19h30 às 22h. Ministrado pela prof. Maria de Fátima Rebouças Malva.

Seminários teóricos e clínicos de W. R. Bion: realizado no primeiro sábado de cada mês, de 9h00 às 11h30. Ministrado pelo Prof. Carlos de Almeida Vieira.

Curso de Pós-Graduação

Sob a coordenação de Maria Stella Winge, a SPB abriu, em parceria com o UniCEUB, a segunda turma do Curso de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, que teve início com a palestra inaugural ministrada pelo colega Carlos de Almeida Vieira (membro titular e analista da SPB), em 05 de agosto/2005, sobre o tema “Trauma e sublimação”.

CENAPP/HBB

O Centro de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise – CENAPP (Clínica social da SPB), continua a parceria com a Residência em Psiquiatria do Hospital de Base de Brasília. Tendo Mirian Ritter como coordenadora, são ministradas semanalmente aulas para os residentes da área de psiquiatria deste hospital e sempre que possível, analistas de nossa Sociedade são convidados para proferir palestras.

Notícias SBPRP

A Diretoria Científica da SBPRP organizou jornada preparatória para o XX Congresso Brasileiro de Psicanálise da ABP: a IV Jornada Psicanálise no Divã. O tema da jornada segue o tema do Congresso da ABP e será realizada no dia 5 de novembro. Contará com trabalhos de membros e candidatos de Ribeirão Preto que serão apresentados em Brasília. Os trabalhos são os seguintes: “O Poder no setting: microtraumas na sessão de análise”, conferencistas: Martha M. de Moraes Ribeiro, Maria Letícia Wierman, Mário Luis Prudente Corrêa, Suely de Fátima S. Delboni, Paulo de Moraes M. Ribeiro e Thaís Helena T. Marques; “Pensando – solidão, tédio, desamparo – na parceria analítica”, conferencista: José

Cesário Francisco Jr.; “Configurações de prisão e liberdade – considerações técnicas com adolescentes”, conferencista: Silvana Vassimon Figueiredo; “Uma experiência clínica observada do ponto de vista neuro-psicanalista”, conferencista: Theodolinda Mestriner Stocche; “Sexo e contemporaneidade: erotismo, pornografia e obscenidade”, conferencistas: Ana Rita Nuti Pontes, Regina Mingorance, Ana Claudia de Oliveira, Marta Daud e Cristiana Protta Crippa; “Hospitalidade e restauração no encontro analítico”, conferencista: Maria Bernadete A. C. de Assis; “Tecendo o continente: pensamento como superfície sensorial”, conferencista: Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro.

ABP Saúda novo Presidente da IPA



No Coquetel do Presidente: Mário Lúcio Alves Baptista (SBPSP – Diretor do Conselho Profissional da ABP), Pedro Gomes Lopes Jr. (SBPRJ – Secretário da ABP), Regina Braga Mota (SPB – Tesoureira da ABP), Cláudio Laks Eizirik (SPPA – Presidente da IPA), Eliana Helsing (SPRJ – Diretora de Relações Exteriores da ABP), Cláudio Rossi (SBPSP – Diretor Científico da ABP), Carlos Gari Faria (SPPA – Presidente da ABP), Adalberto Goulart (SPR/NPA – Diretor de Publicações e Divulgação da ABP).

Departamento de Publicações

Por dificuldades de ordem técnica, portanto alheias à nossa vontade, que conjugaram problemas na gráfica com a greve dos

Correios, lamentamos o atraso na distribuição da edição anterior de nº27 do nosso ABP NOTÍCIAS.

SPMS

A Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (Provisória) está organizando, em parceria com a Universidade Federal de MS, um curso sobre a obra de Winnicott, voltado para os alunos do 4º e 5º ano de Psicologia que estão estagiando na Residência de Pediatria do HU.

A Comissão de estudos sobre criança e adolescente se reuniu no dia 10 de setembro, na sede da SPMS para conhecer a proposta de pesquisa que está sendo realizada pela colega Maria Auxiliadora Marques, representante da Comissão de criança e adolescente, na FEPAL. O grupo de analistas presentes deu continuidade à pesquisa iniciada com o grupo Questionador, e elegeu, com a discussão, um tema de interesse comum - "O objeto transicional" - que foi discutido no dia 26 de setembro.

O Departamento de Assistência Psicológica está organizando mais um Encontro Clínico para os Membros e Candidatos. A divulgação da Clínica de Atendimento Psicanalítico continua sendo feita e tem promovido bons resultados.

A Diretora, Ednéia Cherchiar, apresentou propostas de cursos a serem realizados em parcerias com universidades em Dourados, Cuiabá e Campo Grande, em 2006.

O Curso para o público externo: "Conhecendo Freud: um estudo inicial dos conceitos freudianos" teve seu último encontro, no dia 29 de agosto, coordenado por Maria de

Fátima Chavarelli, coordenadora da Comissão de Cursos do DC e organizadora deste evento. Após o estudo do último tema do programa, "Psicanálise e cultura", foi solicitado aos integrantes do grupo que fizessem comentários sobre suas experiências. Todos disseram ter aproveitado e fizeram sugestões de temas que lhes pareceram de menor interesse e outros, que gostariam de ter explorado mais. Solicitaram ainda um próximo grupo para discutirem principalmente as patologias sobre o ângulo da psicanálise. Após contato com alguns docentes, estes mostraram-se interessados nas discussões, sobretudo porque tratava-se de um público com características diferentes da qual estamos habituados.

O 3º Encontro clínico - alunos do 3º, 4º e 5º anos de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, aconteceu no dia 24 de setembro. O evento foi desenvolvido em parceria com o CAP/GESPMS. E no dia 26, com o tema "Relações sócio-familiares na velhice", foi realizada mais uma conferência na UNIDERP, coordenada por Márcia Luci Ortiz Câmara.

O Departamento Científico vem se preparando para viabilizar o lançamento de um novo número da Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul para o primeiro semestre de 2006. Para isso, a Drª Lenita Osório Araújo, co-editora da Revista, solicita o envio de trabalhos até o final de outubro de 2005. E-mail: lenarj@terra.com.br



Núcleo
Psicanalítico de
Aracaju

A primeira turma de formação psicanalítica do NPA, com doze candidatos, através do Instituto de Formação da Sociedade Psicanalítica do Recife (patrocinadora), prossegue com os seminários sobre a obra de Freud e Teoria da técnica, tendo como coordenadores até aqui os colegas Alírio Dantas Jr., Carlos Vieira, Fernando Santana, Antonio Carlos Escobar, Cristina Gondim, Inês Mendonça, Mario Smulever e Eduardo Afonso Jr.

No dia 31 de agosto, participaram da Mesa Redonda "Psicanálise dos afetos", durante o encontro Psicologia e Saúde promovido pelos formandos em psicologia da Universidade Pio X, os colegas Adalberto Goulart (SPR/NPA) e Sheila Bastos (Candidata da SPR/NPA), tendo na coordenação Vanda Pimenta (Candidata da SPR/NPA).

Dentro do programa de realização de

interfaces com outras áreas do saber, após o encontro que reuniu Psicanálise e Neurociência, o NPA realizou mais um evento, no dia 29 de setembro, tendo como local o auditório da Sociedade Médica de Sergipe. Participaram como expositores a professora Aglaé Fontes de Alencar (psicóloga, escritora, diretora do centro de criatividade) e o Dr. Fernando Santana (SPR/NPA). A coordenação dos trabalhos esteve sob a responsabilidade da Dra. Stela Menezes (SPR/NPA, diretora científica). Nova interface ocorreu durante a Jornada Norte/Nordeste de Homeopatia, quando o Dr. Adalberto Goulart (SPR/NPA) participou de uma Mesa Redonda com o tema "Homeopatia, psicanálise e neurociências", coordenada pela Dra. Angélica Hermínia Serôa (Presidente da Associação Médica Homeopática de Sergipe e candidata da SPR/NPA). Participaram ainda os

Drs. Fábio Leopoldino (neurologista e neurofisiologista) e Dalva Monteiro (homeopata).

De 06 a 08 de outubro, o NPA realizou a sua "VI Jornada de psicanálise de Aracaju" e "V Encontro de psicanálise da criança e do adolescente", com o tema "Sofrimento psíquico e contemporaneidade". Durante o evento, ocorrido no Delmar Hotel, em Aracaju, esteve presente um público de 250 pessoas para estudo e discussão dos temas "Sofrimento psíquico e contemporaneidade", "Dor psíquica na criança e no adolescente: do sentir ao sofrer", "Enfermidades somáticas, dor e consequências psíquicas", "Um passeio pelos campos da psicanálise", "Trauma, sofrimento psíquico e criatividade", "Capacidades para pensar ansiedades traumáticas na experiência psicanalítica", "Psicanálise vincular", "A medicina como modelo", "Seminário clínico" e duas sessões de temas livres. Participaram como expositores os

colegas Carlos Gari Faria (SPPA/ABP), David Zimerman (SPPA), Antonio Sapienza (SBPSP), Stela Menezes (SPR/NPA), Inês Mendonça (SPR/NPM), Antonio Carlos Escobar (SPR), Adalberto Goulart (SPR/NPA), Maria José Andrade (SPR/NPF), Fernando Santana (SPR/NPA) e Alírio Dantas Jr. (SPR). Foram coordenadores Eduardo Afonso Jr. (SPR/NPN), Crisales Resende (SPR/NPN), Vanda Pimenta (SPR/NPA), Angélica Hermínia Serôa (SPR/NPA), Márcia Barros de Oliveira (SPR/NPA), Marisilda Nascimento (SPR/NPA), Sheila Bastos (SPR/NPA), Marta Hagenbeck (SPR/NPA), Lúcia Cavalcante (SPR/NPA), José Lara (SPR/NPA) e Aldo Christiano (SPR/NPA); o material clínico foi apresentado por Bráulio Costa Neto (SPR/NPA).

Informações sobre a CPSI (Clínica psicossocial do NPA) e sobre doações à Biblioteca Dr. Robson Cabral de Mendonça: (79) 3246-5729.

Núcleo Psicanalítico de Fortaleza

O NPF realizou no dia 17 de setembro o encontro "Ecos do congresso" com expressiva participação da comunidade psi local. Na ocasião, o Dr Paulo Marchon deu notícias gerais do congresso destacando o lançamento do dicionário de Bion pelo Dr Paulo Cesar Sandler. A Dra. Almerinda Albuquerque comentou o trabalho "Sobre a comunicação não verbal", de Ingeborg Bornholdt (coordenadora) cujo interesse relaciona-se à clínica atual pela procura de pacientes de difícil acesso. A Dra. Rosane Muller comentou a mesa redonda e os trabalhos sobre abuso sexual e pedofilia destacando o trabalho apresentado por Ida Iosshpe Gus

e Marlene Silveira Araujo intitulado "Abuso sexual, intersubjetividade e construção da subjetividade", tema de grande relevância nos tempos de hoje onde o abuso sexual se dilui não sendo reconhecido e validado como tal em função de uma maior permissividade na atualidade no que se refere às questões sexuais. Ressaltou ainda a belíssima conferência de abertura do congresso realizada por Santiago Kovadloff. O Dr Cláudio Márcio da Costa comentou os trabalhos sobre neurociência e expressou seu interesse em formar um grupo de estudos sobre o tema para o qual convocou os colegas.

Eventos

NOVEMBRO
The Frances Tustin Memorial Trust
The 9th Annual International Frances Tustin Memorial Prize
November, 05
Los Angeles/Califórnia/USA

"Poder, sofrimento psíquico e contemporaneidade".
Brasília, DF
Associação Brasileira de Psicanálise
www.abp.org.br

XLV Congresso Nacional de Psicoanálise
"Psicoanálisis: Avances y fronteras"
17th -19th November, 2005
Mexico/DF



XX Congresso Brasileiro de Psicanálise
11 a 14 de novembro

DEZEMBRO
XIV Encuentro Latinoamericano sobre el pensamiento Donald W. Winnicott
"Trazos Y Espacios: Del gesto espontáneo al espacio potencial"
2, 3 e 4/12
Lima - Peru
fepal-lima@speedy.com.pe



“O Tempo do Ser-Vil”

(O Mercado Perverso da Servidão)

Luiz Alberto Helsinger – Ed. Imago, 274 pg.

Marisilda Barros Nascimento

Um desafio! Foi o que pensei ao iniciar a resenha do livro “O Tempo do Ser-Vil” do psiquiatra e psicanalista Luiz Alberto Helsinger. O livro, inicialmente, foi apresentado como tese de doutorado do autor, em teoria psicanalítica, no Instituto de Psicologia da Universidade do Rio de Janeiro. Seu tema, perversão e suas múltiplas facetas, está mais atual e interessante do que possamos pensar.

Já no título do livro “O Tempo do Ser-Vil” podemos imaginar as diversas possibilidades que Luiz Alberto irá nos apresentar. Ele divide seu livro em duas partes, onde a primeira “Concepção da Perversão em Freud” discorre sobre as perversões relacionando-as com a sua clínica psicanalítica. A segunda, “Perversão e Cultura”, configura-se numa leitura que desperta questionamentos, rica pelos conteúdos criativos, onde o Brasil, com suas perversões, é representado, no texto, dentro de um contexto histórico-cultural. Pela amplitude e pertinência dos temas, procurei ressaltar, nesta resenha, os que mais me instigaram a pensar e a escrever.

O autor nos fala que o fundador da psicanálise, Freud, percebendo a abundância de elos que envolvem a perversão, muitas vezes trilhava caminhos paralelos e o desafio era vencer a moralidade da época, desnudando as questões sexuais para ir em busca do conhecimento. Freud vai mais longe quando, segundo o autor, remete aos impulsos infantis o que seria considerado perverso, com a localização de tendências e componentes masoquistas e sádicos em neuróticos.

Interessante quando o autor nos diz que Freud e a psicanálise, junto com as produções literárias, nos permitem o confronto com “questões que atravessam a humanidade desde os primórdios até este final de século: realizar ou reprimir, dizer ou pensar, ser perverso ou não ser, ser moralista?”.

Destaco no texto uma das afirmações que o autor nos apresenta onde: todos os neuróticos são pessoas com inclinações perversas energeticamente desenvolvidas, mas reprimidas e relegadas ao inconsciente. O neurótico fantasia o que o perverso põe em ato. Luiz

Alberto refere-se à obra de Freud de maneira objetiva e junto com suas considerações, uma revisão sobre perversão flui de maneira natural no seu texto.

A partir dos escritos de Freud, tornou-se possível diferenciar “a disposição polimorfa perversa da sexualidade infantil, inerente, constituinte e estruturante da sexualidade humana; da perversão como estrutura que se expressa e se manifesta em atos, de maneira exclusiva e fixa”. Percebemos com a continuidade do texto que “equilíbrio” seria a virtude, ou seja, nem excesso de renúncia das tendências sexuais e agressivas nem excesso da satisfação. Com a perversão não há equilíbrio, ela cria suas próprias leis e sua meta é sempre a satisfação.

Ressalto quando Luiz Alberto nos fala que a estrutura perversa desafia tanto a moral (renúncia) quanto a morte (correspondendo ao gozo absoluto) e o grande perigo que Freud relaciona ao masoquismo. O masoquista quer ser tratado como uma criança má, na expectativa do anseio erotizado da punição.

O autor questiona se existe um tempo propriamente psicanalítico. Luiz Alberto nos fala que “Freud distingue que ao invés de uma radical exclusão da temática do tempo, há uma divisão: um tempo do sistema consciente e outro tempo do sistema inconsciente, ou seja, o relógio biológico não marca a hora do tempo pulsional, retirando os ponteiros do relógio biológico e apontando para o eterno gozo”.

Luiz Alberto nos enriquece com a visão de vários autores para relembrar o tempo na obra de Freud, onde Freud situa o presente como o tempo no qual o desejo é representado como realidade. A perversão com sua característica animal, “não cede de ficar gozando com zonas e sensações excomungadas pelo humano, demasiado humano”, nos leva a pensar nesse algo “primitivo”, na perversão, de um passado que não vira passado, um tempo que não passa.

Luiz Alberto traz o pensamento de Lacan, que denomina o neurótico como herói do desejo e o perverso como herói do gozo. Também para Lacan o objeto eleito na perversão visa a renegar a castração na mãe, “a estrutura perversa, em suas encenações criadas, provará do excesso, para tentar dolorosamente dar a prova do sujeito sem ânsia, sem espora, sem busca, sem falta, sem angústia,

num esforço monstruoso para não renunciar a um gozo supremo montado a partir das leis do desejo, da fantasia, regulado pelo princípio do prazer.”

Sob a ótica de Lacan, a função do princípio do prazer é fazer com que o homem “busque sempre” aquilo que ele deve reencontrar, mas que não poderá atingir (mãe como objeto incestuoso), criando a articulação entre desejo e proibição, desejo e lei fundamental.

Interessante destacar o caso clínico de perversão apresentado pelo autor, onde as estratégias perversas como gozar, triunfar, ultrajar, debochar, denegrir o outro, provocando e acentuando angústias vão ser evidenciadas na apresentação do caso clínico, que se configurou num desafio para Luiz Alberto suportar transferencialmente um tratamento psicanalítico de um analisando de estrutura perversa.

Na segunda parte de seu livro, “Perversão e Cultura”, Luiz Alberto ressalta, na obra de Freud que, “sob o influxo das exigências culturais, os neuróticos sofrem uma inibição aparente, no fundo fracassada, de suas pulsões, com enorme gasto de energia, e sofrendo contínuo empobrecimento interior”. Freud fala que as neuroses são o negativo das perversões porque contém em estado de repressão as mesmas tendências (a dos perversos), as quais continuam atuando desde o inconsciente.

Ressalto a associação, que o autor faz, com as considerações Freudianas, quando relacionam o significado do “se encontram melhores se lhes tivessem sido possível serem piores” de Freud em relação aos neuróticos, e Luiz associa com ser pior => ficar melhor, ser-vil => ficar melhor, ser-vil => melhor, que observamos na cultura atual, que não quer adiar nem renunciar, ser pior é mais rápido, “e os que não conseguem podem servir ... podem ser úteis ferramentas, coisas para atender ao melhor em uma dada cultura”.

Luiz Alberto segue tecendo reflexões sobre a contraditória convivência do impulso natural humano de agressão, de hostilidade com a cultura, posta a serviço de Eros, da união. Luiz Alberto nos leva a refletir sobre questões que nos confrontam dia a dia, como não repetir? Como não aderir ao fácil e ao sedutor? Nos faz pensar sobre a mídia, sua penetração e seus excessos.

Ressalto também o relato de alguns trechos da clínica psicanalítica do autor onde a situação traumática da vivência em período de guerra e suas repercussões, nos ajudam a compreender a melancolia e como a psicanálise pode ajudar a fazer dessa morte uma luta contra a indiferença. “Há de ser, na sombra do não ser ...” como nos cita o autor, destacando o caráter de perversão social, que foi o nazismo na Segunda Guerra Mundial. O texto faz referência às servidões perversas atuais, que estão presentes nos diversos segmentos da sociedade contemporânea: nas empresas, nos mercados financeiros, etc...

Pertinente a citação de Baumann, no texto “em um sistema em que a racionalidade e a ética apontam em sentidos opostos, o grande perdedor é a humanidade”, nos levando a pensar que o caminho da individualidade implica em diminuição da segurança fornecida pela civilização moderna, como nos fala Luiz Alberto. Essa situação reflete-se no descrédito com o sistema judiciário e o incremento da criminalidade, com a idéia de que os “grandes” não são punidos.

O livro de Luiz Alberto faz uma reflexão da perversão cultural, enfatizando questões sobre nazismo, globalização, criminalidade, narcotráfico, resgata Freud quando destaca que a justiça é um requisito cultural e vai, no tópico final, do livro, falar do Brasil Colônia e suas tendências ser-vis características do Brasil escravista cuja característica principal desse tipo de relação (senhor-escravo) é “gozar às expensas do outro”.

Em suas considerações sobre a escravidão, no Brasil, cita Joaquim Nabuco “a criança escrava intui que ela não é livre, que não é igual aos outros, que tem que obedecer; desde então ela obedece. Nela estão todos os germes da perversidade futura”. Pertinente destacar lendo Luiz Alberto é o quanto desse modelo servil persiste em nossa cultura, servidão voluntária, servidão sutil e até invisível, mas os costumes, racismos, domínios e exploração perpetuam-se, como nos fala o autor.

Finalizo esta resenha propondo que o Tempo do Ser-vil possa ser melhor pensado e compreendido com a leitura esclarecedora do livro de Luiz Alberto Helsinger.